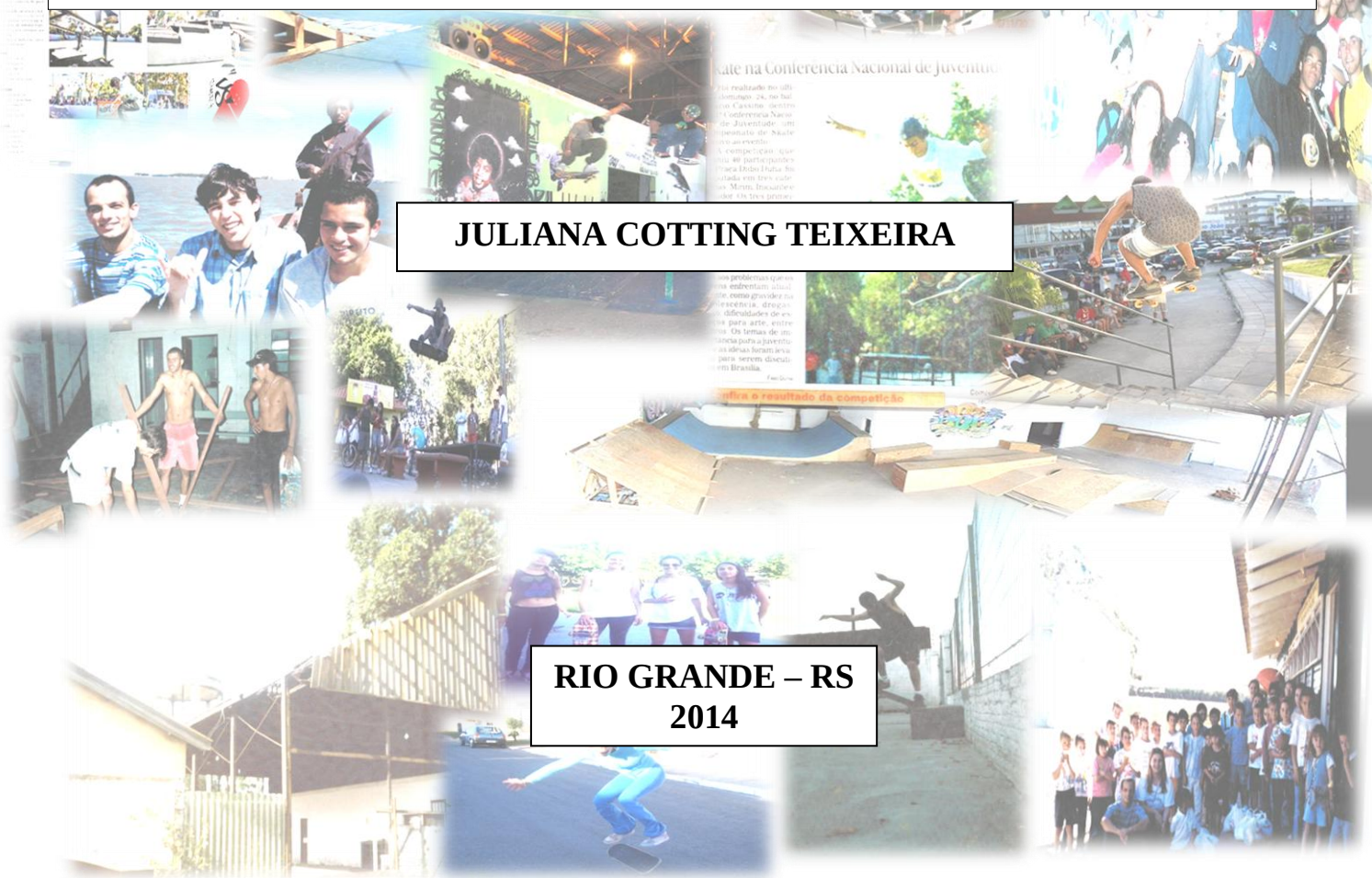
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

MEMÓRIAS DA PRÁTICA DO SKATE EM RIO GRANDE/RS: GEOPOLÍTICAS, ARQUITETURAS E SKATISTAS

JULIANA COTTING TEIXEIRA



RIO GRANDE – RS
2014

JULIANA COTTING TEIXEIRA

MEMÓRIAS DA PRÁTICA DO SKATE EM RIO GRANDE/RS: GEOPOLÍTICAS, ARQUITETURAS E SKATISTAS

Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande (FURG), como exigência final para obtenção do título de licenciada em Educação Física.

Orientadora: Profª Dra. Méri Rosane Santos da Silva (IE/FURG)

Co-orientador: Profº Ms. Gustavo da Silva Freitas (IE/FURG)

RIO GRANDE – RS
2014

JULIANA COTTING TEIXEIRA

MEMÓRIAS DA PRÁTICA DO SKATE EM RIO GRANDE/RS: GEOPOLÍTICAS, ARQUITTEURAS E SKATISTAS

Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande (FURG), como exigência final para obtenção do título de licenciada em Educação Física.

APROVADO EM ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

_____

Co-orientador - Presidente

_____

Primeiro Membro

_____

Segundo Membro

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos. Por onde começar? As pessoas, as relações, os vínculos, os afetos foram tantos e tão amarrados, tão igualmente importantes, que temo não lembrar e não fazer cabê-los todos nesta escrita tão efêmera. Estou certa de que todos que atravessaram minha vida nesses últimos quatro anos de graduação em Educação Física acabaram por me interpelar um pouco com suas presenças e passagens. Que injusto seria não lembrar de alguém. Mas como deixar de lembrar aqueles que, nesse momento, me vêm a memória? Já que são de memórias que trato nesse trabalho, serão das minhas que tratarei neste texto. E que alguns me desculpem possíveis esquecimentos, isso também é parte do lembrar.

Agradeço ao meu orientador, Profº Gustavo Freitas, oráculo dessa pesquisa, que certamente criou condições pra que eu deixasse de ser somente a-luna.

Aos professores do curso de Educação Física, mestres e doutores permanentes desta pesquisa, que podendo fazer o mínimo optaram por fazer o máximo. A vocês meus agradecimentos eternos.

A meus pais, por mesmo não compreendendo ainda muito bem o que é mesmo um TCC, me foram "todo ouvidos" quando precisei. A vocês, minha imensa gratidão.

Ao meu namorado, que deveria receber também alguma espécie de diploma em Educação Física, de tanto escutar e conversar comigo, do primeiro ao último semestre, tudo aquilo que eu ouvia, lia e escrevia na Universidade. A você, todo meu amor, amizade e cumplicidade.

Ao meu irmão, estudante de História, que me provocava com conversas teóricas no almoço e jantar, me colocando sempre a pensar naquilo que falava e defendia. A você mano, minha imensa admiração.

A minha sogra que me preparava "ceias" no jantar, em plena meia noite, depois que eu soltava de aulas longas que passavam das 23h. A você, meu carinho.

As Lulu´s, meu divã preferido, que nos momentos mais tristonhos e angustiantes me aguardaram com ótimas gargalhadas e uma bela caipira de abacaxi. Que eu possa compartilhar com vocês o que a vida oferece de bom, por longa data.

E por fim, a todos os skatistas da cidade de Rio Grande/RS, especialmente os depoentes desta pesquisa, Ismael Silva, Henrique Ziemer e Rogério Póvoa, por terem feito parte disso tudo e também da minha vida. A vocês, *Skate or Die*!

"Dedicada a cada poeta da cidade, dedicada a cada atleta da cidade, dedicada a cada ser humano da cidade que cultiva a liberdade no concreto da cidade"

KAMAU, Poesia de Concreto

Penso que a leitura e a escrita acadêmica precisariam, talvez, ter um pouco o caráter de experiência, de modo que nós, escreventes e leitores, pudéssemos nessa aventura fazer o exercício de pensar, estar simultaneamente dentro e fora de nós mesmos, de viver efetivamente experiências, no sentido de que as coisas que vivemos e produzimos nos abram ao que não somos nós mesmos, vivendo algo que é ao mesmo tempo atividade e passividade – porque nos deixamos atravessar por outras idéias, por outras sensações, por acontecimentos, disponíveis ao que nisso tudo há de arte, de potência criativa.
(FISCHER, 2005, p.127)

RESUMO

A prática do skate vem constituindo-se como tema de pesquisas acadêmicas e produções culturais, especialmente, a partir dos anos 2000. Parte dessas produções vem anunciar uma trajetória histórico-cultural marcada por uma passagem do "lazer a esportivização" (HONORATO, 2004), "da marginalização a esportivização" (BRANDÃO, 2008), "de vilão a mocinho" (LAURO, 2011) como elementos recorrentes nas dinâmicas dessa prática. Olhando para as condições de produção desse mimetismo narrativo, identifico o eixo Rio-São Paulo e o período compreendido entre as décadas de 60 e 90 como o espaço e tempo privilegiado nessas publicações. Da mesma forma, os artefatos culturais e narrativas de skatistas profissionais ou "de sucesso" (GRAEFF, 2009) são fontes predominantes nesse campo de saberes. Partindo desse diagnóstico, pergunto: se voltássemos nossos olhares a outros espaços e tempos, mais descentralizados, quais trajetórias produziríamos? Se fossem ouvidas outras vozes, distintas das de "sucesso", que histórias contaríamos? Nessa perspectiva, fui ao encontro da História Oral, especificamente em Portelli (2010) e Bom Meihy e Holanda (2007) como atitudes político-metodológicas, em que os skatistas da cidade de Rio Grande/RS, constituíram-se protagonistas desse fazer histórico. Assim, essa pesquisa teve por objetivo construir parte das memórias sobre o skate em Rio Grande/RS buscando, especificamente, analisar as condições de emergência dessa prática na cidade; os usos dos espaços urbanos pelos skatistas e as maneiras pelas quais os eles constituíram-se como tais nesse município. Entrevistas com três skatistas de bairros e gerações distintas compuseram o *corpus* de análise dessa pesquisa. Indo ao encontro dos objetivos traçados, analiso suas falas a partir de três esferas, constituindo um mosaico de memórias. São elas: Geopolíticas do skate na cidade: andanças, disputas, ingerências; Arquiteturas do skate: estéticas, políticas e potências; Constituir-se skatista: identidades, influências e amizades. As narrativas construídas apresentaram deslocamentos nos modos de transitar e ocupar espaços de prática, de estabelecer vínculos com os obstáculos públicos e urbanos e de constituir-se skatista num período compreendido entre os anos 80 e 2000, recorte estabelecido pelos próprios depoentes em virtude de suas experiências junto ao skate na cidade.

Palavras-Chave: Skate; Memórias; Cidade.

ABSTRACT

The practice of skateboarding has been constituted as a subject of academic research cultural productions, especially from the 2000s. Part of these productions has announced a historic and cultural trajectory marked by a shift from the "entertainments to sportivization" (HONORATO, 2004), from "marginalization to sportivization" (BRANDÃO, 2008), "from villain to good guy" (LAURO, 2011) as recurring elements in the dynamics of this practice. Looking at the conditions of production of this narrative mimicry, i identified the Rio-São Paulo area and the period from the 60s and 90s as the privileged space and time in these publications. The same way, the cultural artifacts and narratives of professional or "successul" skateboarders (Graeff, 2009) as the predominant sources of this field of knowledge. Based on this diagnosis, i questioned: if we turned our eyes to more decentralized areas and times, which trajectories we'll produce? If other voices were heard, distinct from the "successful" ones, which stories they 'd tell?. From this perspective, i went to meet the oral history, specifically of Portelli (2010) and Bom Meihy and Holanda (2007) as a political and methodological attitudes, in which skaters from Rio Grande / RS, were the protagonists of that historic do. Still, the skaters of the city of Rio Grande/RS, were the protagonists of this history making. Thus, this research aims to build part of the memories on the skateboard in Rio Grande/RS seeking, specifically analyzing the conditions of the emergence of this practice in the city, the uses of urban spaces by skaters and how skateboarders constituted themselves in this municipality. Interviews with three skaters from different generations and neighborhoods formed the *corpus* of analysis of this research. Going to meet the stated objectives, we analyzed her lines from three spheres, forming a mosaic of memories. They are: Geopolitics of skateboard in city: wanderings, disputes, interventions; Architectures of skateboard: aesthetics, politics and potencies; Constitution of the skateboarder: identities, influences and friendships. The constructed narratives showed shifts in modes of transit and occupy spaces of practice, establish links with public and urban obstacles and forms to constitute themselves into a skateboarder in the period from the 80s and 2000s, cut established by the respondents themselves by virtue of their experiences with the skateboard in the town.
Keywords: Skateboard; Memories; City.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Quadro demonstrativo dos artigos encontrados por periódico no período de jan. a mar/2012 _____ 17

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Campeonato de Skate no *Banks* da Esporte & Ação em 1990. Fonte: Acervo pessoal de Rogério "Mofado", 2013 _____ 29

FIGURA 2 - Skatista realizando manobra no corrimão da escada no Supermercado Kastelão. Fonte: Acervo pessoal de Rogério "Mofado", 2013 _____ 30

FIGURA 3 - Reportagem do Jornal Agora noticiando a construção de pista de skate na Praça Saraiva. Fonte: Acervo pessoal de Rogério "Mofado", 2013 _____ 35

FIGURA 4 - Rogério manobrando com o skate modelo tubarão sobre uma rampa de madeira nos anos 80. Fonte: Acervo pessoal de Rogério "Mofado", 2013_____ 39

FIGURA 5 - Capa de um dos fanzines produzidos pelos skatistas Fonte: Acervo pessoal de Rogério "Mofado" _____ 47

SUMÁRIO

1. SKATEANDO NA VIDA E NA PESQUISA ____ 11

2. O SKATE COMO TEMA NA PRODUÇÃO ACADÊMICA E CULTURAL: APONTAMENTOS DE UM ESTADO DA ARTE

2.1 ***Skateando em outros picos*** ____ 14

2.2 ***Skateando pela Educação Física*** ____ 16

3. CAMINHOS INVESTIGATIVOS: A MEMÓRIA, A ORALIDADE E OS SKATISTAS

3.1 Construindo um pico para skatear: a memória e a oralidade ____ 19

3.2 Manobras de pesquisa: procedimentos em torno de diálogos, skatistas e um gravador ____ 21

4. COM UM PICO PRA SKATEAR E ALGUMAS MANOBRAS NO PÉ, ABRE-SE A SESSION

4.1 Geopolíticas do Skate na cidade: andanças, disputas, ingerências ____ 25

4.1.1 Andanças ____ 25

4.1.2 Disputas ____ 31

4.1.3 Ingerências ____ 34

4.2 Arquiteturas do skate : estéticas, políticas e potências do espaço público _ 37

4.2.1 Estéticas ____ 38

4.2.2 Políticas ____ 40

4.2.3 Potências ____ 42

4.3 Constituir-se skatista: identidades, influências, amizades ____ 44

4.3.1 Identidades ____ 45

4.3.2 Influências ____ 46

4.3.3 Amizades ____ 49

5. FINDA UMA *SESSION*: NOTAS EM TORNO DE UMA SKATEADA E TANTO ____ 52

6. PARCEIROS DE *SESSION* ____ 54

APÊNDICE 1 ____ 58

APÊNDICE 2 ____ 59

APÊNDICE 3 ____ 60

ANEXO 1 ____ 61

1. SKATEANDO[1] NA VIDA E NA PESQUISA

O skate protagonizou tempos e espaços da minha vida que não somente aconteceram, mas foram me acontecendo. Verões vividos sobre o concreto quente das ruas e dos refrigerantes *pet* compartilhados. Invernos aquecidos pelo embalar do carrinho[2], pela emoção das manobras e pelo acolhimento de bons picos[3] e amigos. Momentos de tensão provocados pelo uso dos patrimônios públicos e privados como obstáculos, pelo barulho das manobras e pelo deslizar entre as pessoas nas calçadas. Tempos e espaços vividos em *slowmotion*, em intensidade, onde as horas do dia não corriam como as de hoje, e as risadas, amizades e aventuras pelo espaço urbano da cidade tinham lugar reservado em meu cotidiano.

Assim, diferente de algumas escritas mais acadêmicas[4], em que pesquisador e objeto sugerem uma relação de hierarquia e distanciamento, inicio esta escrita anunciando que estive inspirada pela noção de "sujeito da experiência" (LARROSA, 2002). A multiplicidade dos skates na minha vida – o da pesquisadora, o da estudante, o da skatista, o das leituras, o das escritas e interrogações da academia –, vêm me acontecendo como experiência:

> A experiência é o que nos passa, o que nos *acontece*, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece [...] Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (LARROSA, 2002, p. 21 – grifo do autor).

Nesse sentido, investigar o skate foi expor-me à contingência e experiência dessa prática na pesquisa. Experimentar-me na escrita e deixar-me acontecer, desconfiando daquilo que a minha proximidade com a prática me fazia tratar como algo dado, natural, pois "somente o sujeito da experiência está aberto à sua própria transformação" (LARROSA, 2002, p. 26). Nessa posição de sujeito, meus saberes, memórias e afetos intervêm e

---

[1] "Skatear" refere-se aqui não somente a ação de deslizar, manobrar, embalar, deslocamentos possíveis de serem realizados sobre um skate, mas também, e especialmente, à abertura a ação de pesquisar enquanto movimento e itinerância. Skatear na pesquisa é estar atenta as possibilidades criativas de mover-me entre os caminhos investigativos e estar sensível as potencialidades que esses suscitam. É compreender que as escolhas feitas e rumos tomados são parte de uma infinidade de outros possíveis que não se esgotam ou se completam. Skatear é assumir o risco de cair, de envaidecer, de errar, de travar, de criar. A escrita que segue é um convite a skateada dessa aventura de pesquisa. Na impossibilidade de subir sobre o carrinho e deslizar sobre rodas, convido-os a moverem-se no pensamento e na leitura, com todos os seus estranhamentos, incompletudes e significações possíveis.

[2] Esse é um dos termos utilizados pelos skatistas para se referirem ao skate.

[3] Um bom lugar para andar de skate, com obstáculos ou não, chão liso e encontro de skatistas. No decorrer desta monografia, utilizarei a expressão pico no sentido de caracterizar um lugar para skatear na pesquisa, com todas as suas limitações de movimento e também possibilidades criativas.

[4] Nas palavras de Larrosa (2003) "[...] tenho a sensação de que no mundo acadêmico se está cada vez mais enfadado de ouvir sempre as mesmas coisas ditas no mesmo registro arrogante e monótono, havendo como que uma necessidade de sair desse tédio e uma certa expectativa em relação a qualquer registro de escrita que se apresente como diferente" (p. 106).

atravessam produtivamente a pesquisa, inscritos nas narrativas construídas, escolhas feitas e caminhos tomados. Assim, esse modo de pesquisar me autorizou a abrir mão da prerrogativa de distanciamento e neutralidade científicos, a não ser da busca pelo distanciamento crítico, de colocar as coisas como estão no presente sob suspeita.

Situar o skate enquanto prática que vem me acontecendo levou-me a caminhos que me permitiram estranhá-lo e conhecê-lo através de outras referências, oriundas das produções científicas e acadêmicas, com seus paradigmas e jogos de poder. Assim, dediquei-me ao movimento de realizar, numa primeira manobra investigativa, uma espécie de estado da arte sobre skate, procurando produzir um panorama à tematização dessa prática em diferentes áreas de conhecimento, sobretudo, na Educação Física[5].

A partir das produções encontradas, pude perceber uma tendência em investigar o skate a partir de artefatos culturais[6] como fontes em que revistas especializadas e não especializadas em skate, programas de televisão, e mais tarde, sites e narrativas de skatistas profissionais ou de "sucesso"[7], são predominantes no universo das escritas e publicações sobre skate na academia. Não somente a modalidade das fontes aparece em condição de privilégio, mas também os espaços para os quais são direcionadas as investigações. O eixo Rio-São Paulo, nesse sentido, tem se constituído enquanto cenário oficial ao skate no país, protagonizando o conjunto de pesquisas já publicadas sobre a prática.

No âmbito da produção historiográfica[8], interessada na construção de uma história ou percurso histórico-cultural para o skate no país, foi notável a presença de uma tradição narrativa ou mimetismo narrativo que vem situar a trajetória do skate a partir da transição entre movimento juvenil marginal a esporte, ou esporte radical, temporalmente demarcada entre as décadas de 60 e 90. Essas narrativas, ou "narrativa mestra" (SILVA, 1994), tem se mostrado onipresente quando buscadas as compreensões sobre o skate e seu passado cultural, privilegiando espaços, tempos e trajetórias ao registro e discussão dessa e sobre essa prática no âmbito da academia.

---

[5] A exposição e discussão mais detalhada desse processo serão apresentadas à frente, no capítulo "2. O skate como tema na produção acadêmica e cultural: apontamentos de um estado da arte".

[6] Também chamados de textos culturais, os artefatos culturais "não somente fazem referência às expressões da cultura letrada, mas a todas as produções culturais que carregam e produzem significados. Um filme, um quadro, uma foto, um mapa, um traje, uma peça publicitária ou de artesanato podem ser considerados textos culturais" (COSTA; SILVEIRA, SOMMER, 2003, p. 38).

[7] Segundo Graeff (2009) são skatistas de sucesso aqueles que alcançaram a profissionalização ou aqueles que conseguem "viver de skate", isto é, alcançaram respaldo financeiro através do skate por meio de patrocínios e apoios. São esses skatistas *de sucesso* que têm aparecido como principais alvos a pesquisas acadêmicas e produções culturais.

[8] Ver Brandão (2008, 2009, 2010) e Honorato (2004, 2008, 2013).

Esses diagnósticos me permitiram desconfiar desse panorama e me dirigir a questões como: se fossem contempladas outras fontes na produção de pesquisas sobre o skate, quais narrativas teríamos? Se voltássemos nossos olhares a outros espaços e tempos, mais descentralizados, quais trajetórias produziríamos? Se fossem ouvidas outras vozes, distintas das de "sucesso", que histórias contaríamos?

Vale ressaltar que o campo de produções e publicações acadêmicas sobre o skate ainda é recente e embrionário e só vem tomando força a partir dos anos 2000. O exercício de investigá-lo a partir de outras fontes, referenciais, abordagens e perguntas não somente constitui-se enquanto elemento de um processo de maturação desse como tema de pesquisa, mas também exerce uma espécie de desconstrução que rende homenagem a essas produções já realizadas. Afinal, elas próprias criam condições para que outros modos de pensar o skate e suas interfaces possam ocorrer.

> Nas palavras de Derrida (2004), a dupla atitude de receptividade e negação não se separam: 'Deixar' é uma das coisas mais belas, arriscadas e necessárias...a experiência de uma desconstrução inicia por render homenagem àquilo ou àqueles a quem ela, a desconstrução, se prende"(FISCHER, 2005, p. 124).

É sobre esse cenário que revelo as primeiras tensões e inspirações a essa empreitada, já que o exercício de capturar e analisar parte da literatura sobre skate permitiu que essa pesquisa se desenvolvesse com suas perguntas e intenções. Assim, a memória e a oralidade mostraram-se pertinentes a este itinerário de pesquisa, já que a subjetividade e singularidade dos sujeitos que contam e das suas falas são levadas em consideração em detrimento de um fazer histórico universalizante e absoluto.

Assim, elenquei como objetivo geral dessa investigação, construir parte das memórias sobre o skate em Rio Grande/RS buscando, especificamente, analisar as condições de emergência dessa prática na cidade; os usos dos espaços urbanos pelos skatistas e as maneiras pelas quais os skatistas constituíram-se como tais em Rio Grande/RS[9].

Nessa esteira, construir parte das memórias sobre a prática do skate a partir da oralidade de skatistas não profissionais, que exercem a prática nesta localidade com suas

[9] Rio Grande é um município localizado no extremo sul do Rio Grande do Sul, colonizado por famílias de origem européia, sobretudo ingleses, alemães, portugueses e espanhóis, e abriga atualmente cerca de duzentos mil habitantes. Cidade portuária, encontra na pesca, nas atividades do polo naval e na agricultura, suas principais fontes de sustentação econômica. Entre as práticas esportivas podemos destacar as aquáticas como as mais pioneiras, visto que além de um estuário, também abrange o bairro-balneário Cassino, fundado em 1890 e, desde então, tomado como um espaço privilegiado de lazer e de turismo na região. É sobre esse "mar" de disposições geopolíticas que tive a pretensão de olhar para o skate enquanto uma prática em funcionamento na cidade que, por mais que seja rodeada de águas, apresentou em sua dinâmica histórico-cultural condições de possibilidades para seu aparecimento e contingência.

particularidades histórico-culturais, insere-se como oportunidade à produção de outras narrativas. Nas palavras de Bom Meihy e Holanda (2007) "onde a História vê fragilidade, a história oral encontra seu sentido maior e o lugar a ser ocupado como área diferente e possibilidade original" (BOM MEIHY e HOLANDA, 2007, p. 34). Ainda, registrar a prática do skate em Rio Grande/RS, considerando as memórias dos seus sujeitos é apostar no movimento de operar a investigação mais numa relação com a experiência e menos numa relação com o experimento.

Operar como experimento iria supor uma relação sujeito/objeto, no sentido do sujeito que domina o objeto e que costuma reduzir o espaço da experiência. Essa operação estaria interessada na confirmação de um saber consumado, de uma hipótese. A relação sujeito/experiência, ao contrário, é estar aberto a novas experiências, especialmente quando essas não alcançam nossas expectativas, são inesperadas. "Se o experimento é genérico, a experiência é singular. Se a lógica do experimento produz acordo, consenso ou homogeneidade entre os sujeitos, a lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade" (LARROSA, 2002, p. 28). Skateando na vida e na pesquisa vou deixando-me estranhar pelas narrativas e abrindo caminho a minha própria transformação. Não mais somente a skatista apaixonada, a estudante de Educação Física, a pesquisadora acadêmica, a professora estagiária[10], mas sim a skatista-professora-estudante-pesquisadora. Assim essa pesquisa se constituiu, me constituindo.

2. O SKATE COMO TEMA NA PRODUÇÃO ACADÊMICA E CULTURAL: APONTAMENTOS DE UM ESTADO DA ARTE

2.1 *Skateando em outros picos*

Como uma primeira manobra investigativa, realizei o exercício de capturar produções acadêmicas de diferentes áreas de conhecimento que tematizassem o skate. A partir da base de dados Scielo[11] e referências encontradas nos primeiros trabalhos que tivemos

[10] Durante o processo de escrita desta monografia, tive a oportunidade de participar de uma competição de skate realizada na praça Didio Duhá, Cassino, intitulada de 1º Roach Skate Rock Festival. Nessa ocasião, quando fui chamada a competir, pude ouvir um grupo de meninos skatistas que assistiam o campeonato gritarem "Vai lá 'sora' arrebenta!". Logo, percebi que se tratava de meninos que pertenciam a uma das minhas turmas de estágio supervisionado no ensino fundamental, no qual inclusive, usei a prática do skate como conteúdo nas aulas de Educação Física. Passados dez anos envolvida com o skate, três anos afastada e quatro anos de graduação em Educação Física, a skatista volta ainda timidamente a andar, agora "sora" skatista.

[11] A escolha pela Scielo se deu em virtude da maior aproximação e familiaridade que tenho com essa base de dados científica, uma vez que a mesma me foi apresentada ainda nos primeiros anos da graduação, na disciplina

contato[12], consegui aglutinar um conjunto de produções que, mesmo selecionadas de uma forma não tão sistemática, possibilitou a construção das primeiras pistas, análises e olhares sobre o que se tem produzido sobre essa prática. Simultaneamente, já estava lançando mão também sobre algumas produções e artefatos culturais, como filmes e sites[13].

A produção acadêmica sobre skate, oriunda de diferentes áreas de conhecimento, tem se constituído mais especificamente a partir dos anos 2000 e suas abordagens tem se preocupado mais intensamente em análises culturais, além da produção de uma história para essa prática em nível nacional. Grande parte dessas produções ancora-se na Antropologia, na História e na Sociologia, sendo em menor número as publicações das ditas ciências exatas e biológicas. Pensando a partir desse cenário de vontade de história e de uma cena cultural para o skate no âmbito da academia, percebi certo mimetismo narrativo sendo operado através de uma trajetória marcada pela passagem do "lazer a esportivização" (HONORATO, 2004), "da marginalização a esportivização" (BRANDÃO, 2008), "de vilão a mocinho" (LAURO, 2011) como elementos recorrentes nas dinâmicas dessa prática.

Dessas produções, algumas (GRAEFF, 2006; HONORATTO, 2008, 2013) têm mostrado períodos de "altas" e "baixas" na trajetória histórico-cultural do skate, caracterizando a "alta" como o aumento do número de adeptos, de apoios e patrocínios de marcas e lojas, de crescimento de pistas e competições, entre outros; e a "baixa" como a diminuição e enfraquecimento da presença dos elementos que caracterizam os períodos de "alta". Segundo esses trabalhos, tais "altas" garantem que a prática esteja em um período ou fase favorável. Essa "instabilidade estrutural", como chama Graeff (2006), me leva a pensar nessa prática como mais esportivizada[14] nos períodos de "alta" e menos esportivizada nos períodos de "baixa", provocando diferentes modos de constituir-se skatista em diferentes tempos históricos e culturais.

---

de "Oficina da informação", como uma das mais abrangentes e importantes bases de dados na busca de periódicos e artigos acadêmicos.

[12] Dissertação de mestrado de Graeff (2006); artigos de Brandão (2008, 2009, 2010), Honorato (2004 2008), Figueira e Goellner (2009); livro de Brandão e Honorato (2012) entre outros.

[13] Alguns desses são: o vídeo-documentário "Dogtown and Z-boys", de Stacy Peralta (2001); "Vida sobre Rodas", de Daniel Baccaro (2010); sites como o da Confederação Brasileira de Skate; Federação gaúcha de skate; revista online (atualmente não atualizada) "Ciência do Skate"; site do "Skate para meninas"; blogs intitulados "Skatecultura"; "Skatecuriosidade"; "Skatesaúde"; entre outros. Para acessar análises mais detalhadas da produção acadêmica e cultural consultar as publicações de Teixeira, Freitas e Correia (2012) descritas no item Referências.

[14] A expressão *esportivizar* é operada aqui no sentido dado por Gonzáles (2008, p.171): "O processo de transformação de práticas corporais originadas em contextos não competitivos e, particularmente, não institucionalizadas, em modalidades esportivas, assumindo os códigos do esporte de rendimento (comparação objetiva de desempenho, regras oficiais – únicas, institucionalização, racionalização das práticas/treinamento na busca da maximização do desempenho) quando originalmente não foram concebidas com esse sentido" (p. 171).

Honorato (2013) atribui também a um processo de esportivização do skate brasileiro a circulação de revistas e vídeos especializados em skate, a ida constante de skatistas brasileiros aos Estados Unidos, o surgimento de campeonatos profissionais, o desenvolvimento da modalidade *street* e a fundação de associações. Destaca ainda, paralelamente a sua esportivização, na esteira dos sociólogos Norbert Elias e Pierre Bourdieu, a constituição de processos de espetacularização, profissionalização e mercantilização como precursores de sua transformação em esporte ou esporte radical ao longo do tempo.

Mesmo com essas tendências de "altas" e "baixas", assim como os acontecimentos culturais demonstrados que deslocaram os modos tradicionais de funcionamento da prática, atribuindo heterogeneidades e descontinuidades às trajetórias de skatistas e do skate, é notável o pouco interesse em capturar aquilo que foge da "voga esportiva" (BRANDÃO & SOARES, 2012) ou de "sucesso" no universo da produção acadêmica. Nesse sentido percebo uma proliferação de narrativas universalizando e homogeneizando a prática, estabelecendo trajetórias de determinados skatistas profissionais[15] e de visibilidade midiática como oficiais, instituindo o olhar a um espaço geográfico e geopolítico – centralizados no eixo Rio-São Paulo – e convencionando o uso privilegiado de uma modalidade de fontes – as produções culturais[16] –, ao registro e discussão sobre essa prática.

3.2 *Skateando pela Educação Física*

A operação de uma espécie de estado da arte me permitiu perceber a amplitude desse campo de saberes sobre skate, que mesmo recente, já se mostrava múltiplo em suas análises. Essa constatação me levou a sistematizar outros movimentos de revisão, interessados em olhar especificamente para uma área da qual falávamos, a Educação Física[17].

A busca teve como descritores os termos *skate* e *skateboard* em dez periódicos da Educação Física que não se mostrassem explicitamente disciplinares: Revista Brasileira de

---

[15] Além dos trabalhos já mencionados, os quais operaram com entrevistas de skatistas profissionais ou "de sucesso" enquanto fontes, encontradas em canais de visibilidade midiática do skate como as revistas especializadas, os sites e os vídeos, temos o exemplo do recente longa-metragem "Vida sobre Rodas" (DANIEL BACCARO, 2011). O filme conta a história do skate brasileiro a partir da trajetória de quatro skatistas profissionais da modalidade vertical: Bob Burnquist, Lincoln Ueda, Sandro Dias e Cristiano Mateus. No filme é notável a condição de protagonismo e heroísmo colocada a esses skatistas, uma vez que os demais depoimentos referem-se não as suas experiências junto ao skate, mas sim as suas experiências junto a esses skatistas, tornados como celebridades por essa produção cinematográfica.

[16] Site Skate para Meninas no trabalho de Figueira e Goellner (2009); Revistas impressas especializadas em skate como Skateboard, Skatin, Overall, publicidade e notícias publicadas, nos trabalhos de Brandão (2008, 2009, 2010).

[17] Para saber mais, consultar Teixeira, Correia & Freitas (2012).

Ciência do Esporte; Revista Movimento; Revista da UEM; Pensar a Prática; Motrivivência; Motriz; Ciência e Movimento; Revista Brasileira de Educação Física e Esporte; Licere e Arquivos em Movimento. Foi encontrado um total de 24, das quais 17 foram descartadas por não apresentarem os critérios de inclusão à análise, os quais foram: artigos originais e que apresentassem os termos de busca no título ou resumo. Assim, analisamos um total de 7 trabalhos publicados em 4 periódicos. A busca e análise foram feitas no período de janeiro a março de 2012.

PUBLICAÇÕES SOBRE SKATE EM PERIÓDICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA			
Periódico	**Título da produção**	**Autores**	**Ano**
Revista Brasileira de Ciência do Esporte	Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção	FIGUEIRA; GOELLNER.	2009
	El skate urbano e juvenil: una practica social y corporal em tiempos de lá resignificácion de la identidad juvenil chilena	AMÉSTICA, CLAVÉRIA, ETCHEPARE et al	2006
	Esportes de ação: notas para uma pesquisa acadêmica.	BRANDÃO	2010
Revista Movimento	O segredo do sucesso: apontamentos sobre a trajetória social de skatistas profissionais	GRAEFF; STIGGER.	2009
Motriz	O Skate e suas possibilidades educacionais	ARMBRUST; LAURO.	2010
	Estado de fluxo em praticantes de escalada e skate downhill.	VIEIRA; BALBIM; PIMENTEL et AL	2011
Arquivos em Movimento	Atividades Físicas de Aventura: Proposta De Um Conteúdo Na Educação Física Escolar No Ensino Fundamental.	FRANCO; OLIVEIRA; OLIVEIRA et al	2011

Tabela 1: Quadro demonstrativo dos artigos encontrados por periódico no período de jan, a mar./2012

As sete produções selecionadas foram organizadas em quatro eixos, segundo as linhas de análise que apresentavam. Dos eixos elencados a seguir, os dois primeiros apresentam trabalhos que já foram tangenciados pelas produções analisadas no movimento anterior de revisão e os dois últimos decorrem desse investimento de olhar para a Educação Física em particular:

a) Profissionalização do skate: abarcando trabalhos de Graeff e Stigger (2009) e Figueira e Goellner (2009), o primeiro analisando a trajetória social de skatistas profissionais ou "de sucesso", e a segunda discutindo as estratégias de visibilidade de skatistas mulheres a partir do site "Skate para Meninas";

b) Tribo skatista: incluindo o trabalho de Améstica, Clavería e Etchepare et al.(2006), em que analisa a produção de identidade urbana de jovens do Chile a partir do skate; de Graeff e Stigger (2009), já que sua produção também analisa o conceito de estilo de vida do skatista profissional ou "de sucesso"; e de Brandão (2010) com uma produção que vincula o estilo punk, a contracultura, o estilo *streetwear* (vestimenta urbana e juvenil da década de setenta), entre outros, à cultura dos skatistas, principalmente, em meados do século passado.

c) Skate educacional: trabalhos de Armbrust e Lauro (2010), assim como de Franco, Oliveira, Oliveira et al (2011) vão na direção de uma pedagogização do skate para aplicação deste como conteúdo na Educação Física escolar. Respaldado por abordagens pedagógicas oriundas da Psicomotricidade e da Educação Física plural, no primeiro trabalho, e na perspectiva dos esportes de aventura e de ação, com ênfase na contribuição da adrenalina ao desenvolvimento dos escolares, no segundo trabalho, percebi um movimento que vem olhar para além da construção de um cenário histórico e cultural para o skate na academia, apostando num deslocamento didático para lançar mão das possíveis contribuições no plano pedagógico escolar. Esses movimentos colocam em xeque o modo de aprendizagem da pratica até então apontado na literatura, em que a observação, a imitação, e o aprender sem mediação de um professor são as formas que historicamente o skate tem se tornado prática de muitos sujeitos, inclusive em minha experiência, na qual gerenciei minha aprendizagem a partir de pedagogias que se davam nos próprios espaços de prática e entre os praticantes, sem intervenção de um professor formal[18].

[18] Para Simson, Park e Fernandes (2007), o formal em Educação refere-se às práticas escolares, regidas pelas leis do Estado e organização institucional burocrática. Assim, o professor formal é o professor escolar, autorizado a atuar mediante diploma de licenciatura.

d) Psicologia do skate: criado para dar conta da produção de Vieira, Balbim e Pimentel et al (2011), vem expor um trabalho em que os autores analisam os estados de fluxo de praticantes da modalidade *downhill*[19]. Essa última produção se insere num conjunto de pesquisas que, nos últimos anos, tem analisado o skate na perspectiva do treinamento esportivo, visando aprimorar capacidades físicas, além de forjar estratégias e técnicas para competições, o que evidencia uma abordagem do skate enquanto esporte competitivo.

Esses levantamentos me permitiram pensar que apostar no ainda "não dito" no conjunto das produções analisadas, me coloca num movimento de estranhar essa tendência esportivizante que tem sido operada nesse campo de saberes sobre skate. Investir na localidade da cidade de Rio Grande, na oralidade como fonte e na experiência como atitude de pesquisa não significa produzir narrativas contrárias ou mais verdadeiras as aqui apresentadas, ou que não estejam articuladas com essas narrativas tornadas oficiais, mas sim, trilhar itinerários que me movem mais pela desconfiança e pela dúvida e menos pela metanarrativa e consenso.

3. CAMINHOS INVESTIGATIVOS: A MEMÓRIA, A ORALIDADE E OS SKATISTAS

3.1 *Construindo um pico para skatear: a memória e a oralidade*

A skateada dessa pesquisa passa também pela adoção de um referencial teórico-metodológico, não como um manual de procedimentos a serem seguidos, mas como inspiração e postura para tratar metodologicamente as perguntas e intenções dessa empreitada. A história oral, especificamente encontrada em Portelli (2010) e também em Bom Meihy e Holanda (2007) foi adotada não somente pela raridade e dispersão de registros impressos sobre o skate em Rio Grande/RS, mas, sobretudo, pelo potencial de provocar fissuras numa narrativa mestra universalizante. Segundo Bom Meihy e Holanda (2007, p.26), na história oral "busca-se fazer uma outra história, versão que tenha sua gênese diferenciada do conjunto

[19] A modalidade downhill é uma entre as das dez modalidades do skate, segundo a Confederação Brasileira de skate. Consiste em descer ladeiras realizando manobras ou corrida entre competidores na mesma pista. São outras modalidades do skate além do downhill speed e slide: bowl, banks, megarampa, miniramp, Freestyle, slalow, street, vertical, entre outras mais recentes e ainda não reconhecidas pela Confederação, como o fingerboard (skate de dedo) e o stand up skate (uma prancha de fibra em tamanho de prancha de surf com rodas e auxilio de um cabo deslizante para gerar impulso). Disponível em: <www.cbsk.com.br>. Acesso em 22 de fevereiro de 2013.

estabelecido oficialmente". Nesse sentido, a memória e a oralidade constituíram-se como caminhos possíveis e potentes na construção dessa pesquisa.

> [...] devemos penetrar em um território relativamente inexplorado, localizado no cruzamento entre História, Antropologia, Linguística e Literatura. O nome desse território é *história oral*: uma narração dialógica que tem o passado como assunto e que brota do encontro de um sujeito que chamarei de *narrador* e de outro sujeito que chamarei de *pesquisador* – encontro geralmente mediado por um gravador ou um bloco de anotações (PORTELLI, 2010, p. 210, grifo do autor).

Adoto a memória social, veiculada por Portelli (2010), pois é a partir desse modo de escutar e compreender a memória que levamos em conta o momento da vida do depoente[20] (PORTELLI, 2004), o que o torna singular. Da mesma forma, o contexto em que se dá a entrevista, os modos de narrar, os estratos (institucional, pessoal, comunitário) por onde são organizadas as lembranças (PORTELLI, 2010) são particularidades que tomam um entrevistado sempre como diferente do outro. As memórias construídas são únicas e irreproduzíveis, pois fazem parte de um momento, de um espaço, de afetos, de uma subjetividade e de uma experiência específica e singular que se narra num contexto único.

> O principal paradoxo da história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos [...] A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. Excluir ou exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho quer dizer, em última instância, torcer o significado próprio dos fatos narrados (PORTELLI, 1996, p. 2).

Tenho me orientado à construção de uma história oral temática, uma vez que minha intenção repousou na construção de memórias em torno de um "assunto central definido" – a prática do skate na cidade de Rio Grande – "mesmo que outros decorram ou concorram para seu esclarecimento" (BOM MEIHY e HOLANDA, 2007, p. 39).

Além de ser temática, essa história oral foi operacionalizada como híbrida (BOM MEIHY e HOLANDA, 2007), uma vez que além das entrevistas, as fotos e acervos pessoais disponibilizadas pelos depoentes foram enaltecidos e, algumas vezes, utilizados para aquecer suas memórias no momento da entrevista. Esse referencial teórico-metodológico, com suas proposições (memória social, temática e híbrida), permeou o processo de pesquisa e orientou

[20] Opto por anunciar os entrevistados como depoentes (PORTELLI, 2010) e não como colaboradores, como indica Bom Meihy e Holanda (2007). Entender o entrevistado como depoente é conduzir a entrevista e as narrativas decorrentes dela a partir de uma postura que não seja nem a do terapeuta, que tudo ouve e pouco estranha, e nem a do detetive, que tudo estranha e desconfia. É atuar nesse entre, que permite escutar e estranhar as narrativas sem abrir mão de uma dessas atitudes (PORTELLI, 2010).

minha postura metodológica, um processo que vai de uma concepção de projeto em história oral[21] à pela realização das entrevistas e passagem do texto oral para o escrito.

Inspirada nesses referenciais exercito um movimento de tensionamento e desconstrução, interessado não somente em produzir narrativas e memórias em torno de uma prática, mas também voltado a um campo de saber que vem anunciando o skate e se instalando predominantemente de forma não-problematizada. Assim, venho realizando o "olhar para trás" do presente e para o presente buscando "não a verdade de nosso passado, mas o passado de nossas verdades; não a verdade do que fomos, mas a história do que somos, daquilo que, talvez, já estamos deixando de ser" (LARROSA, 2004, p.34).

3.2 *Manobras de pesquisa: procedimentos em torno de diálogos, skatistas e um gravador*

Com os problemas e objetivos de pesquisa delineados, iniciei os primeiros passos de uma entrevista em história oral, com a produção de um roteiro básico de entrevista e a escolha do primeiro depoente, o ponto zero (BOM MEIHY e HOLANDA, 2007)[22]. A construção desse primeiro roteiro teve como base não somente as minhas inquietações resultantes de um processo de leitura e análise das produções acadêmicas e culturais sobre o tema, mas também os meus saberes do passado[23]. Esse roteiro direcionou-se a perguntas do tipo: de que forma o skate entra na sua vida? Como era andar de skate nesse momento? O que te motivava a andar de skate? O que é ser skatista para você?[24].

Os convites às entrevistas foram feitos com a ida até a residência, no primeiro depoente, contato telefônico, no segundo depoente e conversa via rede social, com o último depoente. Os locais, dias e horários das entrevistas foram escolhidos por eles, já que o lugar necessitava constituir um espaço de voz e autoridade a fala do depoente. Mesmo considerando isso, os dois primeiros entrevistados não indicaram um lugar de preferência, me colocando na necessidade de entrevistá-los na minha casa, com o primeiro depoente, e no centro esportivo

---

[21] O projeto de história oral é sempre transitório e dinâmico, "a noção de mutabilidade do projeto se deve ao conceito de 'fonte viva', pois, ao contrário das fontes escritas, a dinâmica do processo é ágil e sutil" (BOM MEIHY e HOLANDA, 2007, p.46).

[22] Segundo os autores, o ponto zero é o primeiro entrevistado de uma rede de depoentes de um projeto em história oral.

[23] Nas palavras de Larrosa (2003, p. 136) "o saber do passado não significa reencontrar-me, mas cortar-me", não numa relação de continuidade, mas na direção de uma relação de ruptura com o passado. Um exercício de estranhamento de um sujeito que não é mais o mesmo não porque deixou de ser aquilo que foi, mas que com a abertura, a contingência da experiência da vida, tornou-se outro.

[24] Os roteiros básicos utilizados para cada uma das entrevistas encontram-se completos no Apêndice 1, 2 e 3 desta monografia. Algumas mudanças foram feitas nos roteiros da primeira para a segunda e da segunda para a terceira entrevista, pois é a partir das narrativas que tinha e dos eventos que essas suscitavam que dava continuidade à próxima, ao invés de engessá-las num conjunto de questões estáticas.

da FURG, com o segundo depoente. O terceiro entrevistado indicou a pista de skate da cidade como local da entrevista. Depois de realizadas, iniciei o exercício de transcrição literal do material gravado. As falas transcritas foram revisadas pelos depoentes e concedidas ao uso pleno em pesquisas através de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 1). A identificação dos nomes também foi permitida pelos depoentes.

Na sequência de cada entrevista transcrita, revisada e autorizada, iniciei um processo de análise delineando aquilo que me saltou aos olhos e foi ao encontro dos objetivos específicos da pesquisa. As emoções, os gestos, e os modos de falar têm sido considerados, pois para além de construir e registrar memórias, a história oral também fortalece os laços afetivos entre o narrador e as suas lembranças, promovendo um diálogo potencializador de afetos e trocas[25].

A construção da rede de depoentes se deu na forma de indicação. Inicialmente, escolhi o primeiro entrevistado a partir das minhas amizades junto ao skate na cidade e, a partir da indicação feita por esse, tivemos o nome do próximo depoente e assim por diante. Nesta monografia, trago as três entrevistas que compõem a rede de depoentes dessa pesquisa, uma realizada com o Ismael Silva, de 24 anos[26], selecionado por mim a ser o ponto zero, o Henrique Ziemer, de 34 anos[27], indicado pelo Ismael e o Rogério Póvoa "Mofado" de 39 anos[28], indicado pelo Henrique.

O Ismael Silva, morador do Parque Marinha, periferia da cidade do Rio Grande, teve seus primeiros contatos com o skate aos 12 anos, em meados dos anos 2000, nesse mesmo bairro, a partir da observação da prática de alguns skatistas mais velhos que já manobravam seus carrinhos. Com um skate compartilhado com seu vizinho e colega de prática, suas primeiras experiências se deram nas calçadas de sua rua e em obstáculos móveis construídos por esses skatistas do bairro, colocados no asfalto. O Ismael foi um dos skatistas da cidade que mais alcançaram um nível técnico avançado na prática e, também, que mais estiveram

---

[25] "A 'entre/vista', afinal, é uma troca de olhares. E bem mais do que outras formas de arte verbal, a história oral é um gênero multivocal, resultado do trabalho comum de uma pluralidade de autores em diálogo" (PORTELLI, 2010, p.20).

[26] A entrevista aconteceu no dia 27/09/11, na sala de estar da minha casa, registrada com um gravador eletrônico, com duração de 53 minutos, e está impressa e transcrita conforme a fala (literalmente) no arquivo do "Observatório de Práticas Corporais e Políticas da Vida" do curso de Educação Física da FURG.

[27] Essa entrevista aconteceu no dia 05/10/12, na sala 1 do centro esportivo da FURG, registrada com um gravador eletrônico, com duração de 1h27min., e está impressa e transcrita conforme a primeira entrevista e arquivada no mesmo local.

[28] Entrevista realizada em 19/08/13, na sede da Ask-rg (Associação de skatistas de Rio Grande), registrada com um gravador eletrônico, com duração de 1h59min., e está impressa e transcrita conforme a primeira entrevista e arquivada no mesmo local.

envolvidos com a promessa e esperança de profissionalização e/ou patrocínio na cidade. Ismael esteve presente em grande parte dos momentos da minha trajetória junto ao skate no bairro[29] e nutria tamanha admiração por sua desenvoltura técnica e convívio com outros skatistas. Em 2011, no momento da entrevista, já casado e funcionário de uma empresa do Pólo Naval[30], Ismael continuava a andar de sakte e competindo em eventos estaduais.

O Henrique, indicado pelo Ismael, anda de skate desde 1996, quando tinha 18 anos. Mesmo tendo sido presenteado com um skate aos 11 anos, foi através do encantamento oriundo da observação de alguns skatistas habilidosos que teve seu interesse despertado para a prática, numa viagem realizada com a família à praia de Ipanema, em Porto Alegre. Morador do centro de Rio Grande, passou a andar de skate junto a um movimento de skatistas dessa região que se reunia para práticas pelas ruas da cidade, especialmente na Praça Xavier Ferreira. O Henrique é um apaixonado pela prática e, mesmo não alcançando níveis técnicos altos como o Ismael, permaneceu frequente nos espaços em que o skate aconteceu na cidade, tendo diversas participações como juiz de campeonatos, além de ser considerado pelas gerações mais atuais, como a minha, como um dos skatistas "das antigas" que ainda praticam. No momento dessa entrevista, ano de 2012, Henrique estava atuando como trabalhador de uma empresa de serviços e andando de skate com menor frequência em algumas pistas, exercendo a prática aos finais de semana. É também conhecido como o "cara dos vídeos", em virtude de seu relevante acervo de materiais sobre skate acumulado ao longo dos anos, especialmente em momentos em que esses artefatos não estavam disponíveis e acessíveis como hoje:

[...] na época [o ano de 98] *eu comecei a gravar tudo e daqui a pouco eu fiquei conhecido por ser o cara dos vídeos, eu comecei a gravar, comecei a comprar as revistas, comecei a formular meu próprio acervo de skate mesmo, me tornei fã do esporte além de ser um praticante* (HENRIQUE, 05/10/12)[31].

---

[29] É importante ressaltar que o bairro Parque Marinha constitui-se enquanto um bairro-cidade do município. Abriga cerca de 20 mil habitantes e caracteriza-se como um dos maiores bairros da cidade. Mesmo que esse não tenha sido o objetivo desta pesquisa, seria possível falarmos em memórias do skate no Parque Marinha, em vista do significativo número de skatistas que ali se estabeleceu e do forte envolvimento desses sujeitos com a prática, sobretudo, pela existência de uma pista pública de skate localizada na Praça Lambarí.

[30] O Pólo Naval refere-se ao conjunto de empresas do ramo portuário/naval situadas numa localidade costeira da cidade de Rio Grande. É nesse pólo que atualmente grande parte dos moradores da cidade e também migrantes tem sido empregados, na maioria dos casos como funcionários do setor operacional.

31 No decorrer da escrita que segue, as falas dos depoentes aparecerão em destaque e a fonte em itálico, contendo ao final de cada trecho o nome do depoente e data da referida entrevista.

O terceiro entrevistado foi Rogério Póvoa, 39 anos, mais conhecido como "Mofado". Teve seu primeiro skate confeccionado por si próprio, composto de rodas de patins da marca Bandeirantes e uma tábua de madeira, ambos fixados por parafusos de ferragem, num tempo em que ainda não haviam skates sendo comercializados em Rio Grande. Considerado um dos skatistas "dinossauros" pelos outros depoentes, Rogério começou a andar nos arredores da Cidade Nova, bairro central do município, em meados dos anos 80. Ainda garoto, viveu parte da influência do punk e do imaginário da rebeldia, sendo integrante do grupo de skatistas que se intitulava "Ratos de Esgoto". Fez parte das ações do *Banks*[32] "Esporte e Ação", localizado no estacionamento do antigo Kastelão (atualmente supermercado Big), pista extinta em meados dos anos 90. Também foi um dos fundadores da Ask-rg (Associação de skatistas de Rio Grande), em 1991, e atual presidente da associação. Também pedagogo de formação e professor, hoje se orgulha de seus planos para a sede no próximo ano, fato que deixou suas narrativas encharcadas pelo "momento que vem vivendo"[33].

O skate é isso pra mim, é o projeto social que eu quero fazer aqui, porque nos meus estudos eu vejo o compromisso que a gente tem né, ter esse espaço aqui, ter esse conhecimento, me faz responsável por essa criança que tá na rua ai, que ta na volta, que tá pedindo, que tá usando crack, que tá na volta disso aí e que se afiniza com essa cultura, do skate, do hip hop, do grafite, se ele tá na volta ali do crack e eu ofereço uma oportunidade de vivenciar skate, vivenciar hip hop, vivenciar grafite (ROGÉRIO, 19/08/13).

A contextualização dos depoentes intervém produtivamente na construção das narrativas, já que cada um em sua singularidade e subjetividade rememorou, à sua maneira, suas experiências junto ao skate, constituindo um mosaico de memórias. A multivocalidade, oriunda de skatistas de três gerações e locais diferentes, me permitiu tensionar as falas em suas diferenças e abrir mão de uma tendência de jogar confetes ou de perfumar aquilo que experienciamos e narramos em nossas vidas.

---

[32] O *Banks* é uma das modalidades de skate que acontecem numa pista em formato de "U" em que o skatista realiza suas manobras sempre na direção vertical, num vai e vem constante entre as bordas da pista. Quando me refiro a transições, me refiro a pistas desse tipo.

[33] Para Portelli (2000, p. 298) "as estórias mudam tanto com a quantidade de tempo (a experiência acumulada pelo narrador) quanto com a qualidade do tempo (os aspectos que ele quer enfatizar durante a entrevista). Nenhuma estória será contada duas vezes de forma idêntica. Cada estória que ouvimos é única". No caso do Rogério, tanto a antiguidade na prática quanto o seu envolvimento presente com projetos de arte e cultura vinculados ao skate criaram condições para que essa entrevista se fizesse encharcada de seus próprios sonhos futuros junto aos seus projetos.

4 COM UM PICO PRA SKATEAR E ALGUMAS MANOBRAS NO PÉ, ABRE-SE A *SESSION*[34]

Aqui, exponho enquanto registro de *session* desta pesquisa, três tópicos criados com o intuito de ir ao encontro dos problemas levantados e objetivos traçados. O modo de selecionar, operar e manusear as falas foi permeado pelo caráter de ruptura e acontecimento do evento narrado. Os tópicos abaixo buscaram compor narrativas que evidenciaram modos diferenciados e contingentes de transitar e ocupar espaços de prática, andar de skate e constituir-se skatista na cidade, no período compreendido entre meados dos anos 80 aos anos 2000. Esse período se relaciona com o movimento temporal e geracional das narrativas e experiências dos próprios depoentes com o skate, mencionados com intensidade no decorrer de suas falas. Assim, o recorte temporal se deu posteriormente a realização das entrevistas.

4.1 Geopolíticas do skate na cidade: andanças, disputas, ingerências

Situo, nesse momento, enquanto parte de um mosaico de memórias construído a partir das falas dos depoentes, três elementos implicados numa geopolítica do skate na cidade. Primeiro, as andanças e itinerâncias por localidades do município como um modo de capturar e conhecer novas companhias de skatistas e explorar picos de skate, num cenário de poucos adeptos e ainda baixa popularização da prática. Segundo, a constituição de grupos e territorialização de picos de skate em localidades do município, criando condições ao estabelecimento de disputas que se davam entre modos de ser skatista e territórios de prática. Por fim, o desenvolvimento de ações e ingerências entre poder público e skatistas que buscavam, de um lado, conquistar uma modalidade de eleitores vinculados às bandeiras políticas de mandatos, e de outro, reivindicar pistas públicas de skate para a cidade, num movimento de promover a conquista de espaços permissíveis e especializados.

4.1.1 Andanças

As narrativas que seguem expõem momentos em que as andanças e itinerâncias por localidades do município e a ação de oficinar sobre o próprio skate protagonizavam o cotidiano dos skatistas, num cenário de poucos adeptos e ainda baixa popularização da prática na cidade.

---

[34] *Session* é como os skatistas se referem a ação de unir algumas companhias para andar de skate num determinado pico e exercerem a prática geralmente munidos de uma câmera fotográfica e filmadora para registro das manobras. A título dessa pesquisa, intento demonstrar aqui o registro das manobras teórico-metodológicas até então realizadas, porém, dessa vez, munida das narrativas, da escrita e do pensamento. Abre-se a *session*.

Rogério “Mofado”, da geração mais antiga entre os depoentes entrevistados, contou suas primeiras andanças de skate pelas redondezas de sua moradia, no bairro Cidade Nova, região central do município. Nesse tempo, em meados dos anos 80, não havia lojas e distribuidoras de skates em Rio Grande. Os poucos skates especializados que circulavam na época entravam na cidade através da vinda de skatistas de outras regiões que já dispunham da venda do carrinho, como a cidade de Pelotas/RS. Esse cenário cria condições de possibilidades ao desenvolvimento de um tipo de aprendizagem e habilidade junto à prática bastante raras nos dias de hoje, por volta de trinta anos depois: a ação de confeccionar o próprio skate com materiais não especializados, num movimento chamado por ele de oficinar, ação de manusear algumas “bugigangas”.

[...] meu pai, minha família, vem de portugueses, e a gente sempre teve um espaço assim com um monte de coisas pra mexer, pra construir, pra oficinar, essas coisas do tipo né, os meus avós eles tinham uma...só pra tu ter uma idéia...a minha vó dizia e o meu vô, os dois portugueses vieram pra cá, eles diziam: “quem guarda o que não presta tem o que precisa”,[risos], *aí tu imagina o lugar, o que tinha de coisas, tinha de tudo, o meu pai é caminhoneiro e a gente tinha um terreno assim com um galpão velho, tipo esse aqui pista* [atual da Ask], *que tinha de tudo, porque tu imagina né, com essa filosofia aí tu imagina o que tinha de peça de caminhão, bugiganga, tudo tudo que tu pode imaginar de bugiganga, e ainda o meu vô plantava cebola no meio dos negócio, era uma loucura.* (ROGÉRIO, 19/08/13).

E ele [Ronaldinho – skatista que dispunha de um skate especializado comprado em outra cidade] *apareceu com um skate lá na Cohab né, e foi uma febre assim, porque a gente olhou aquele negócio e tal, o cara andava, era o tempo dos skates fininhos né, Freestyle, andava mais no chão assim, e aí foi uma febre e a gente começou a pegar patins bandeirantes, patins bandeirantes se tu procurar na internet tu vai encontrar é um patins bem sem vergonha, bem sem vergonha mesmo, e a gente cortava, serrava o patins ao meio e aparafusava ele na tábua e fazia o skate que nem do cara lá, mas só que ele tinha o skate, aí começou ali, eu comecei ali a andar* (ROGÉRIO, 19/08/13).

O galpão velho possibilitou que o depoente pudesse iniciar na prática a partir da confecção artesanal do próprio skate, utilizando peças de patins da marca Bandeirantes e outras ferramentas. Mais tarde, no final dos anos 80, os primeiros skates comercializados começam a aparecer e, por efeito, instituir outras necessidades a conquista do carrinho, que se tratavam não mais somente da disponibilidade de “bugigangas” e habilidade de oficinar, mas também, da possibilidade de comprar o skate especializado, em lojas de moda juvenil que se instalavam na cidade.

[...] e assim começou ali, ai seguida começou a aparecer outras coisas, começaram a aparecer lojas, na Renner vendia skate, tinha uma loja ali...no centro também que era a

Papillon, ai a gente começou depois a ir e a comprar, ai começou a aparecer os skates Pro Life, Canion, os tubarão né (ROGÉRIO, 19/09/13).

Essa nova possibilidade, com a comercialização de skates especializados em Rio Grande, não foi acessível a todos os skatistas, sobretudo ao Rogério. Comprar um "brinquedo" que vinha sendo confeccionado artesanalmente mostrava-se uma mudança um tanto audaciosa nas suas andanças, não somente para os pais compradores como também para os próprios skatistas, esses últimos seduzidos pelas tecnologias implementadas no carrinho especializado.

[...] a gente não comprava skate [risos], *era caro na época e assim, guri, numa época em que skate era uma coisa assim, meio...totalmente né, na verdade, marginalizado, porque era coisa de criança ou uma coisa que as pessoas não enxergavam como esporte ainda né, era um brinquedo, só que era um brinquedo muito caro, né, pra quem não entendia que aquilo ali era um esporte...que, que uma roda desse jeito que não era de plástico, que era de poliuretano, vai te possibilitar andar mais, essas coisas assim elas começam a serem compreendidas muito depois né, muito depois assim, e eu tinha uma dificuldade enorme assim de comprar os negócios e convencer os meus pais, porque...era uma coisa muito cara, muito cara pra quem não enxergava naquilo ali o valor que era cobrado né...então foi complicado assim, tinha vezes que a gente fazia né, fazia um shape, se quebrava colocava uma chapa de ferro num lado e do outro aparafusava pra continuar andando com o shape quebrado né* [risos] (ROGÉRIO, 19/08/13).

A partir desse momento, a possibilidade de comprar um skate e, ainda mais, aparelhado com as últimas tecnologias em peças, como as rodas de poliuretano, tornava os movimentos de oficinar não mais condição necessária a conquista do próprio carrinho, mas sim, uma aquisição um tanto "complicada". As ações em torno de confeccionar o próprio skate passaram a se deslegitimar enquanto práticas valiosas e virtuosas ao skatista, mas sim, enquanto prática daqueles que não podiam comprar o skate das lojas.

Paralelo a esses movimentos, as andanças na busca de chão liso, de rampas de madeira construídas pelos skatistas e de outras companhias caracterizavam a prática nesse tempo, em que a dispersão e a itinerância atravessavam o skatear desses sujeitos.

[...] a gente andava lá naquela pracinha que tem ali no meio da Cohab ali, onde tem o postinho, tem uma quadra de basquete, a gente andava naquela quadra de basquete ali [...] ali na Cidade Nova, ali era do lado de uma fábrica de peixe, na verdade eu não me lembro como que era o nome daquela ali...mas era entre Marcílio Dias e Dom Pedro I mais ou menos, era ali [...] no Jardim do Sol tinha, a galera do Gregory a gente chamava lá, ele tinha uma mini rampa no quintal da casa dele, e eu tinha uma na minha casa [...] tinha um pessoal da Junção que andava também... (ROGÉRIO, 19/08/13).

Mais tarde, algumas iniciativas de estabelecer espaços e organizar a prática na cidade foram se forjando e se instituindo na forma de pistas caseiras, na maioria particulares, e das primeiras competições. O *Banks* da Esporte & Ação, gerenciado pelo estudante-representante Eduardo Nakano, localizado no estacionamento do antigo supermercado Kastelão, atualmente supermercado Big, teve destaque nas falas, uma vez que caracterizava o que o depoente tratou como um avanço "profissional" relativo as técnicas de construir rampas e andar de skate até então.

Eduardo Nakano foi identificado por Rogério como um dos precursores do skate organizado e mais "profissional" em Rio Grande. Estudante universitário e representante comercial de marcas de skate já conhecidas na região de São Paulo nos anos 80, Nakano, paulista, chegou até a cidade para cursar Oceanologia na FURG, instalou-se no Cassino e passou a mover ações no sentido de criar uma cena para o skate rio grandino marcada pela presença de uma pista permanente, de uma loja especializada, a Esporte & Ação, e de eventos e competições organizadas, com apoios e patrocínios de lojas diversas.

O Banks não era público, era pago assim, era uma mixaria, tu pagava diária ou te associava, e andava, tinha épocas que eles deixavam andar de graça...mas ele que trouxe essa história e começou botar uma pilha na gente, a dizer "ó vocês tem que se organizar, vamos fundar uma associação", eu digo "vamos, vamos cara", eu já gostava né, a gente já fazia rampa mas fazia umas rampa toda torta né, fazia os nossos campeonatos ali, que é daquele cartaz ali que tu viu, mas ai começou a aparecer coisa profissional, material profissional, o Banks que foi feito né, foi feito nessa forma que eu fiz a mini rampa [mostrando a atual mini rampa da Ask-rg, na qual estávamos sentados realizando a entrevista] *assim, com um tipo de construção já, um conhecimento técnico mesmo né, de fazer a transição redondinha com madeira e tal* (ROGERIO, 18/08/13).

Figura 1: Campeonato de Skate no *Banks* da Esporte & Ação em 1990.
Fonte: Acervo pessoal de Rogério "Mofado", 2013.

A construção de algumas pistas caseiras e privadas pelos próprios skatistas, como a pista do Chandele[35] e a pista da sede da Ask-rg, mais tarde, implicaram na constituição de outros tipos de andanças, menos dispersas e itinerantes[36], e mais fixas e "organizadas". Em contrapartida desses movimentos, as ruas e os espaços imprevisíveis de prática continuavam a seduzir as *sessions* dos skatistas, especialmente, com o fortalecimento da modalidade *street*[37].

[35] A pista do Chandele foi um dos picos de skatistas da cidade de meados dos anos 90. Localizada na Avenida Portugal, região central do município, era composta de obstáculos e rampas de metal construída na garagem do skatista que originou seu nome, o Chandele.

[36] Vale ressaltar que o *Banks* da Esporte e Ação, localizado no estacionamento do supermercado Kastelão, mesmo que permanente, foi deslocado algumas vezes para o Cassino e para São José do Norte. No primeiro caso, foi em virtude da volta do Nakano para São Paulo em na metade dos anos 90 e, no segundo caso, em função de uma competição realizada a convite desse município na Semana da Brigada Militar, dentro das atividades esportivas do evento. Esse acontecimento foi narrado com muitas risadas por Rogério, uma vez que vivendo forte repressão policial em Rio Grande, os skatistas da época não podiam crer no convite feito pelo município vizinho. A competição foi agraciada pelo público e todos os gastos e logísticas foram de responsabilidades da Brigada local.

[37] O skate *street* não necessariamente é o skate praticado nas ruas. São construídas pistas de skate imitando obstáculos encontrados nelas. O skate que acontece nessas pistas também é considerado skate *street*, mesmo havendo diferenças significativas no modo de andar de skate nas ruas e numa pista dessas. Nas ruas, o skate geralmente tem fim em si mesmo, ou é exercido com o objetivo de filmar manobras para a produção de vídeos. Já nas pistas de *street*, percebemos muitos skatistas treinando, isto é, repetindo uma linha de manobras para

[...] a gente andava às vezes na frente dos colégios, Juvenal Miller, muito já andei na frente do Juvenal Miller, que o pessoal andava ali na frente né, ou ruas asfaltadas tipo Barão de Cotegipe, aquela coisa assim de botar os obstáculos...um cano ou um negócio pra pular no asfalto da Barão de Cotegipe, mas mais o pessoal andava era na Praça Xavier, e lá no Cassino a canchinha, atrás do Hotel Atlântico, uma baita cancha ali, era mais isso mesmo, a Praça Xavier sempre foi o melhor lugar, sempre mesmo, pelos obstáculos e pelo piso também, definitivamente a Praça Xavier (HENRIQUE, 05/10/12).

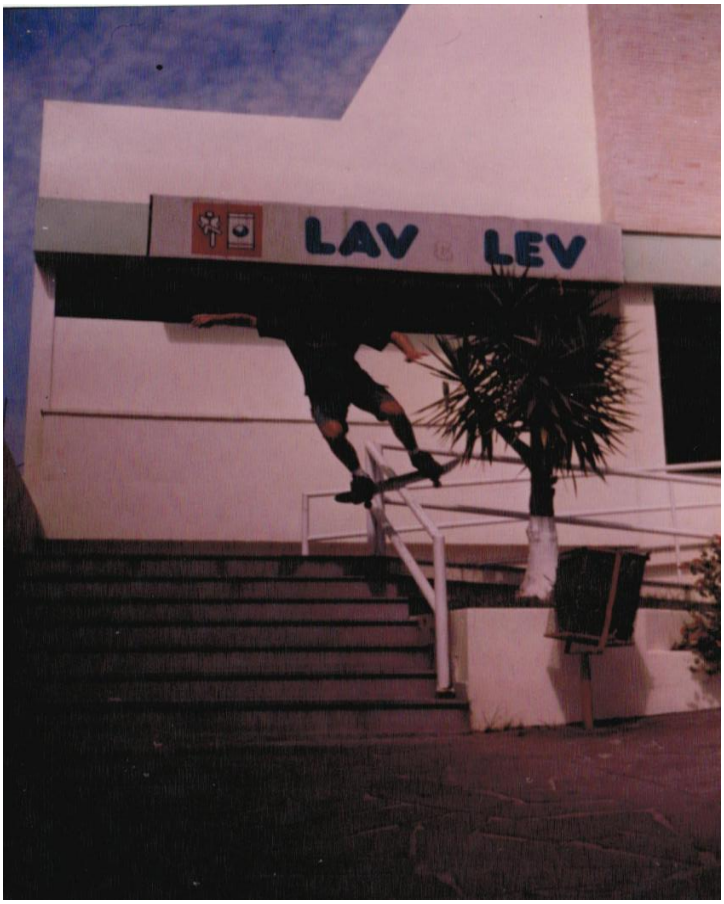


Figura 2: Skatista realizando manobra no corrimão da escada no Supermercado Kastelão.
Fonte: Acervo pessoal de Rogério "Mofado", 2013.

As andanças e itinerâncias dos skatistas de Rio Grande que se davam numa íntima relação entre as condições do momento, os espaços de prática e as intenções de alguns protagonistas, como o Nakano, possibilitaram a construção de uma das facetas do que estou chamando de geopolíticas do skate na cidade. As falas aqui narradas visibilizam tempos de dispersão e itinerância, constituídos pelas práticas de oficinar e explorar picos emergentes na década de 80, como as ruas do colégio Juvenal Miller, a Praça Xavier Ferreira e algumas ruas asfaltadas da cidade. Esse modo de andar vai dando lugar, num movimento de deslocamento

---

realizá-la nas competições. A pista da sede da Ask-rg, no final dos anos 90, foi construída para a modalidade *street*, mesmo com a forte tradição do *Banks* do Kastelão e dos vôos nas transições da década de 80.

cultural, a uma pratica mais "organizada", possibilitada por um conjunto de ações que implementaram técnica "profissional" às rampas e tecnologias aos skates, assim como funcionamento institucional a prática que passava a almejar e constituir-se enquanto Associação de Skatistas de Rio Grande (Ask-rg).

4.1.2 Disputas

Como efeito de um processo de popularização da prática e sucessivo aumento do número de adeptos, exponho e discuto aqui alguns modos de exercer o skate na cidade, em meados dos anos 90 e início dos anos 2000, período em que andar de skate em grupos era algo presente na trajetória de grande parte dos praticantes. Uma sensação de "bairrismo" entre os próprios skatistas foi presente nas entrevistas, o que me conduziu a considerar esse aparecimento como um elemento de análise e uma das facetas dessa geopolítica.

Essas narrativas referem-se à formação de grupos de skatistas na cidade, identificados como os "do Marinha" e os "do Centro", atores de um cenário de conflitos que se davam entre locais de prática e modos de ser skatista. Essas relações de tensão contadas pelos depoentes se localizam num momento de escassez de locais públicos permissíveis à prática, com a proibição do skate nas praças, especialmente a Xavier Ferreira (pico de skatistas do centro, no final dos anos 90).

As pistas caseiras e de iniciativas de pequenos grupos, como a pista do Chandele e o *Banks* da Esporte & Ação, constituíam-se assim como espaços valiosos de prática, os quais, por efeito, contribuíram ao desenvolvimento de outros modos de skatear na cidade, menos itinerantes e dispersos e mais fixos e localizados. Mesmo com a existência de tais pistas, emergem movimentos de skatistas que buscavam reivindicar a autorização ao funcionamento da prática em determinados locais clandestinos ao skate, e também a construção de demais espaços, especialmente na forma de pistas, em que os skates não fossem confiscados pelo poder público.

Fruto desses processos de reivindicação constituiu-se a pista da sede da Ask-rg, no Centro Municipal de Eventos da cidade. O espaço foi concedido aos skatistas que exerciam a prática nas dependências do galpão, moradores das redondezas do centro da cidade, aliados a praticantes de *bike* e *roller*. Essa concessão por parte do poder público possibilitou que os skatistas pudessem consolidar a pista e sede da atual Associação de Skatistas de Rio Grande

(Ask-rg)[38]. O galpão criou condições para a construção e concretização do primeiro ambiente permanente de prática na modalidade *street*, mesmo que de caráter privado, já que diárias ou mensalidades eram cobradas para quem quisesse fazer uso do espaço.

Mais tarde, no ano de 2002, a primeira pista pública de skate foi construída no Parque Marinha, por iniciativa de alguns skatistas desse bairro e do vereador Boka[39]. Com a conquista desses territórios, produziu-se um cenário de prática composto, predominantemente, pelo pico "do Marinha", pista de skate do Parque Marinha, e pico "do Centro", pista da Ask-rg. Ao perguntar ao Ismael, um skatista "do Marinha", sobre andar de skate na pista da Ask-rg, tive indícios daquilo que venho chamando de grupos de skatistas:

Ah eles...meio que nos discriminavam, eles olhavam todos pra gente, eles não gostavam da gente, as vezes a gente ia com dinheiro a menos, sem dinheiro, de bicicleta a gente ia, que a gente sempre foi mais humilde que eles, e eles não gostavam muito da gente, e eles vinham muito pouco pra cá, não vieram muito não...maioria das vezes que vieram foi nos campeonato, eles não gostavam muito de vir pra cá, eles achavam que era perigoso, não sei se era isso (ISMAEL, 27/09/11).

Essas narrativas me levaram a pensar junto a Elias e Scotson (2000) as relações de poder entre Estabelecidos e *Outsiders*. Segundo eles, "Os Estabelecidos [...] possuem um substantivo abstrato que os define como coletivo: são o *establishment.* Os *outsiders*, ao contrário, existem sempre no plural, não constituindo propriamente um grupo social" (p. 07). Os espaços ou territórios de prática do skate reivindicados e habitados mais por uns que por outros criaram condições para que determinado grupo se estabelecesse num local e considerasse outros skatistas visitantes enquanto *outsiders,* os de fora. A estigmatização, produzida através do encontro com as diferenças, segundo esses autores, é parte dessa relação.

> A estigmatização, como um aspecto da relação entre estabelecidos e outsiders, associa-se, muitas vezes, a um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido. Ela reflete e, ao mesmo tempo, justifica a aversão – o preconceito –

[38] O critério para a concessão do espaço foi a institucionalização daqueles skatistas, *bikers* e *rollers* que, na época, mostravam-se "arruaceiros" e "desorganizados" aos olhos do secretário de Habitação, já que essa secretaria se localizava no interior do Centro Municipal de Eventos, ao lado do pico em questão. Atual vice-prefeito, Eduardo Lawson pediu que esses criassem uma associação que legitimasse suas presenças naquele espaço e que a ata de fundação fosse entregue na secretaria. Criou-se assim a AER-RG, Associação de Esportes Radicais de Rio Grande, em 1999. Vale ressaltar que a Ask-rg, Associação de skatistas de Rio Grande, a partir das falas do Rogério, é anterior a AER-RG, tendo sua fundação no ano de 1991. O depoente, mais uma vez, atribui a desativação da Ask, em meados dos anos 90, a ida de volta para São Paulo de Eduardo Nakano, rememorado como um dos precursores da organização dos praticantes em uma associação. Mais tarde, a AER-RG se desestabiliza e passa a ser chamada, novamente, de Associação de skatistas de Rio Grande (Ask-rg) perdendo o vinculo com a *bike* e o *roller.*

[39] Refiro-me ao ex-vereador do município, Sandro Oliveira, mas conhecido como Boka. No subtítulo Ingerências, discutirei mais detalhadamente esse processo e seus envolvimentos nele.

> que seus membros sentem perante os que compõem o grupo outsider (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 35).

Para os autores, é a coesão e o "monopólio das fontes de poder" (p. 24) que permitem que determinado grupo reconheça-se como superior ou estabelecido. A partir das narrativas produzidas, os espaços e pistas de skate da cidade e os processos de organização que um grupo de skatistas estabelece forjando-se como equipe ou associação, o fortalece e o consolida enquanto grupo estabelecido. Abaixo, Henrique fala sobre a constituição do grupo de skatistas "do centro":

Pelo, pelo que eu vi nos anos 90 era mais assim todo mundo andando independente de qualquer grupo assim, bairros ou qualquer coisa assim, era todo mundo andando junto, não havia uma organização e tal, só começou a ficar organizado mesmo a partir de 98, fim dos anos 90, quando o pessoal foi reivindicar pista lá pro Eduardo Lawson, por que até então não havia nenhuma organização, não havia nada, todo mundo andando independente de qualquer bairro, não havia nenhuma segregação, não havia nada (HENRIQUE, 05/10/12).

A emergência de uma nova e primeira pista pública de skate na cidade vai reconfigurar essa relação, pois a partir desse momento, andar de skate na pista pública "do Marinha", sendo skatista "do centro", colocava esse último na condição de *outsider*, e aqueles skatistas do bairro como estabelecidos, produzindo disputas que se davam entre os territórios de prática e modos de ser skatista. Nesse momento, final dos anos 90 e meados dos anos 2000, os principais espaços de prática da cidade localizavam-se na pista da Ask-rg e na pista pública do Parque Marinha. Essa última foi concedida pela prefeitura aos skatistas desse bairro que se organizavam enquanto Equipe de Skatistas do Parque Marinha (ESPM) para sua concretização. Sobre parte do processo de implementação dessa pista, diz Ismael:

Sim, a gente andava na rua, a idéia que surgiu foi na vez que a gente tava andando ali na pracinha e chegou os policiais atirando tudo pra cima, aí uma senhora perguntou: 'ah, por que vocês fazem isso com os guris, por que não arranjam um espaço aí nessa praça aí pra eles andarem de skate', aí surgiu a idéia, aí o Roger criou a Equipe de skate do Parque Marinha, eles tinham carteirinha, tudo, a gente fazia reunião lá no Roger. Aí a gente começou a ir em rádio pedir, câmara de vereadores, prefeitura, tudo isso, a gente ia, até a gente conseguir, ficamos uns dois anos na batalha eu acho ate conseguir (ISMAEL, 27/09/11).

Esses processos que, de um lado, reivindicaram a consolidação da pista da Ask-rg no Centro Municipal de Eventos da cidade e, de outro, da pista do Parque Marinha, forjaram o grupo de skatistas "do centro" e o grupo de skatistas "do Marinha" através desses movimentos de organização da prática em associações e equipes para legitimarem suas vozes e lutas.

Disputas que, atualizadas, configuram-se para além dos bairros Centro e Parque Marinha[40]. Essas relações desenharam outra faceta de uma geopolítica do skate na cidade, em que a íntima relação com um espaço de prática valioso aos skatistas aliados a sensação de pertencer, afirmam as diferentes possibilidades de constituir-se skatista em Rio Grande, em detrimento de um modo privilegiado de se constituir ou de uma "escola" única de produção de skatistas.

4.1.3 Ingerências

Aqui trago narrativas que expõem ingerências entre poder público e skatistas que buscavam, de um lado, conquistar uma modalidade de eleitores vinculados às bandeiras políticas de um mandato, e de outro, reivindicar pistas publicas de skate para a cidade, num movimento de promover a conquista de espaços permissíveis e especializados. O que torna esse item relevante à exposição e discussão nesta escrita é a sua potencialidade enquanto processo de mudança e deslocamento, de um movimento cultural composto por alguns jovens skatistas a uma prática popularizada que se reconhece com necessidades de ingerência e assistência do Estado. Quais as condições de possibilidades de um determinado momento para que skatistas, enquanto sujeitos alvo de repressão policial, passassem a vislumbrar na imagem do poder público, a responsabilidade de intervir na prática e constituir espaços e estruturas ao seu funcionamento? E o que produziu no poder público, a possibilidade de vislumbrar nesses sujeitos potenciais eleitores e simpatizantes de uma gestão?

Diante de narrativas de dois depoentes já mostradas, que rememoram processos de reivindicação da atual pista sede da Ask-rg e pista pública do Parque Marinha já com a intervenção de vereadores e secretários, é possível identificar tais conquistas como bem-sucedidas, uma vez que ambas as partes tiveram suas intenções alcançadas[41]. Já com as falas de Rogério, skatista de uma geração mais antiga, tivemos pistas de processos de reivindicação almejados e não conquistados, como a promessa de construção de uma pista pública de skate

---

[40] Atualmente percebo movimentos de configuração de grupos e equipes em outros territórios da cidade. Como exemplos, a Guigs *Plaza*, traduzida como a Praça do Guilherme, skatista que gerencia os obstáculos do pico, localizada na quadra poliesportiva da praça Didio Duhá no Cassino; a VS *Family*, originalmente traduzida como Valporto Skateboard, referindo-se a um grupo de skatistas que andavam de skate na rua Valporto, atualmente camelódromo da cidade; outra equipe chamada *Company*, de iniciativa de um skatista do Parque Marinha, tem como slogan "*skateboard from our hood*", traduzido como " o skate da nossa quebrada".

[41] Com a construção da pista do Parque Marinha e o apoio e envolvimento na concessão da pista da Ask-rg pelo vereador Boka, ambas as partes tiveram suas pretensões alcançadas. Os skatistas adquiriram dois espaços permissíveis, permanentes e especializados de prática: a pista da Ask-rg e a pista pública do Parque Marinha. Já o vereador que realizava campanhas através de bandeiras vinculadas às práticas juvenis e especialmente, práticas esportivas californianas, como o skate e o surfe, obteve êxito em conquistar por alguns bons anos, em torno de três mandatos, voto e panfletagem garantida de grande parte dos skatistas da cidade, inclusive nas competições.

numa região central da cidade, a Praça Saraiva. Essa seria a primeira pista pública de skate da cidade, no final dos anos 90.

Nós fomos lá...a gente tava com um projeto [de pista de skate]*, que era aquele projeto lá* [da pista do Parque Marinha]*, pra fazer uma pista na Saraiva, a gente queria uma pista pública, e ai...não era nem na Saraiva a gente não tinha nem local, o...Morgado esse, que era chefe de gabinete disse, olha eu posso ceder pra vocês um lugar ali na praça Saraiva, numa parte ali que não tinha nada, aí "ah pode ser", ai no andar da carruagem ficou aquilo reservado, o Boka começou a se movimentar com esse projeto* [de pista de skate] *que ele baixou da internet, era o projeto daquela pista lá, aí a coisa começou a se movimentar, ia sair lá, parou, e eu acabei deixando de lado esse negócio da pista pública, e eu acho que foi o Mutreta* [skatista do Parque Marinha] *que continuou, e o Boka viu que era melhor fazer no Parque Marinha, né eu acho que ele já tava com uma relação mais forte lá, com a comunidade, e acabou indo pra lá e eu disse "olha, que ótimo porque é um bairro que não tem, né, no centro a gente já tem alguma coisa"...* (ROGÉRIO, 19/08/13).

SKATE

Rio Grande terá pista na Saraiva

Aconteceu na tarde de ontem, terça-feira, uma reunião com Sandro Oliveira, o "Boka", suplente de vereador pelo PPB, juntamente com chefe de gabinete do prefeito municipal, Ronaldo Morgado, representantes dos skatistas em Rio Grande e o empresário Carlos, proprietário da "Quebramar". Na reunião, foi discutida a construção de uma pista de street para os simpatizantes deste esporte. Não existindo um local adequado para a prática do skate no município, os esportistas vêem-se obrigados a praticá-lo nas ruas, pondo em risco a sua própria saúde e a dos pedestres, bem como atrapalhando o trânsito. Já que a prática em praças e locais públicos é proibida, torna-se urgente e necessária a construção de uma pista. A reunião foi um sucesso havendo bastante cooperação das partes envolvidas. Ficou resolvido que será efetuada uma parceria entre empresários e skatistas, que entrariam com o material necessário para a construção, e a prefeitura entrará com o espaço e a mão de obra. A nova pista deverá ser construída juntamente ao complexo esportivo da Praça Saraiva. "A construção desta pista é de vital importância para o desenvolvimento do esporte em nosso município, já que empresários de nossa cidade se prontificaram em trazer etapas do circuito gaúcho de skate, tornando nosso município palco de grandes competições, fomentando assim o turismo. Isso evitará também a prática do skate em locais perigosos, e a depredação do patrimônio público", declarou **Sandro "Boka" Oliveira** A construção da pista era uma antiga reivindicação de Sandro Oliveira quando esteve na Câmara de Vereadores. Ela não havia sido atendida anteriormente por falta de recursos, mas a parceria com empresários deverá concretizar este antigo sonho dos skatistas de Rio Grande.

Figura 3: Reportagem do Jornal Agora noticiando a construção de pista de skate na Praça Saraiva.
Fonte: Acervo pessoal de Rogério "Mofado", 2013.

Ambos os textos acima, demonstram relações de ingerências não somente compostas de conquistas, mas também de promessas não cumpridas, jogos de interesses e políticas de votos[42]. Acontecimentos como esses inauguraram na cidade um processo de interdependência

[42] Diferentemente de uma política pública, enquanto um conjunto de ações planejadas e sistematizadas sobre um determinado público intentando um determinado fim, uma política de votos é aquela que realiza também um

entre skatistas e poder público, em que os primeiros atribuem quase como um slogan[43] a necessidade e responsabilidade da prefeitura em intervir na melhoria e construção de espaços de prática, e os últimos utilizam-se da construção e promessa de pistas como estratégia eleitoreira. Outras questões narradas referem-se a construção da segunda pista pública de skate na cidade, conhecida como a pista da Perimetral, no último ano de mandato do prefeito Fábio Branco, recentemente em 2012.

[...] a prefeitura concorreu a uma verba que é disponibilizada, uma verba federal, disponibilizada pelo projeto daquela Manoela, de incentivo a praças e espaços pra juventude com um projeto pra revitalização daquela praça ali da perimetral, de construção de um espaço pra juventude, né, e foi contemplada, e criou uma pista de skate, que eles chamavam de pista de skate, num triângulo de asfalto liso no chão. O Felipe, que é do Street my Life, que é outro grupo também né, acabou indo atrás disso pra saber e tal, que pista é aquela ali, se eu to sabendo, se é uma verba alta, ficou sabendo que tinha essa verba, que a pista de skate era um espaço, um chão reto, um triângulo de asfalto, e ai foi em cima ali na Câmara de vereadores, "cadê o dinheiro, cadê a pista", ai 'não, a pista é esse triangulo...' , ai ele "mas um triângulo não é uma pista, tem que ter obstáculo". Aí eu fui convidado pra uma reunião ali na Perimetral, quando eu vejo tava Fábio Branco, alguns vereadores, tiraram foto e nos apresentaram "ó, a pista que vai ser construída é essa", báh, cara vocês colocaram um projeto ai e nem consultaram a gente" eu disse, me chamaram pra tirar foto no dia da conclusão pra botar ai no site, pra imprensa, e a gente nem participou da construção cara, só pra nos apresentar o que iam fazer, ai eles "então a gente promete fazer uma pista do jeito que vocês querem", que foi a do Cassino, aquele projeto ali do Cassino (ROGÉRIO, 19/08/13).

Vale ressaltar que a pista do Cassino constituiu parte das promessas do governo municipal anterior (prefeito Fábio Branco) caso o mesmo se reelegesse para o mandato 2013-2016, chegando a ganhar placa de identificação de obra pública na Avenida Atlântica, no Cassino, onde supostamente seria construída. Com a perda nas eleições pelo governo de oposição, a verba foi suprimida e a obra, assim como outras, tornou-se somente promessa[44].

---

conjunto de ações, muitas vezes planejadas e sistematizadas, no sentido de criar um público eleitor favorável ao candidato. Implementar ações em bairros periféricos e comunidades, chamadas de ações descentralizadas, faz parte também de uma política de votos uma vez que atinge ampla visibilidade dos moradores daquela localidade que, na maioria das vezes, apresentam forte relação de pertencimento com o bairro. Já implementar ações em regiões centrais parece não favorecer ampla visibilidade, uma vez que a cidade é caracterizada mais pelo fluxo, passagem e dispersão que pela sensação de comunidade e pertencimento.

[43] Nas palavras de Fischer (2005) "pensar e escrever através de clichês talvez seja da mesma ordem de pensar e escrever através de elaborações inconsistentes, vagas, "só para constar": em ambos os casos, abdicamos de pensar" (p.127). Nesse caso, o slogan operante entre os skatistas repousa no discurso da necessidade de pistas e da responsabilização do Estado à implementação e manutenção desses espaços, os quais tradicionalmente têm sido originados pela ação de oficinar e iniciativas individuais e coletivas de construção e manutenção de rampas.

[44] Assumo aqui que falar de promessas não cumpridas com relação às pistas de skate na cidade está atravessado por um "momento da minha vida" (PORTELLI, 2004). Venho compondo uma comissão na Câmara de Vereadores do município, sob a coordenação do vereador Rovam Castro, junto a alguns skatistas da cidade, inclusive o Rogério, com o intuito de construirmos uma política dos espaços públicos para o skate na cidade.

Olhando para as falas as quais os depoentes anunciam suas andanças num tempo de poucos adeptos e nenhuma comercialização especializada do carrinho, nos resta pensar se a intervenção e ingerência dos gestores e poder público deve ser tão necessária quanto almejada assim, sem desconfiança. Há de se pensar se é também almejado abrir mão de habilidades e saberes produzidos por tais experiências "desorganizadas" e "dispersas", como construir as próprias rampas, organizar as próprias competições, explorar e manter os próprios espaços e multiplicar os picos da cidade.

Tais práticas presentes nas memórias dos depoentes constituíram suas subjetividades, mesmo atravessadas por momentos de encontros desagradáveis com a polícia, disputas entre grupos de skatistas e de investidas disciplinares de gestores. Há de se pensar que a construção de pistas e espaços especializados de prática abre precedente para a exigência e intervenção também da sociedade civil, de permanência dos skatistas nesses espaços, instituindo outras polêmicas, como a repressão do skate praticado nas ruas de forma itinerante e como meio de transporte.

4.2 Arquiteturas do skate: estéticas, políticas e potências do espaço público

Buscando dar conta do objetivo de identificar usos dos espaços urbanos da cidade pelos skatistas, produzi o item "Arquiteturas do skate" a partir de três tópicos que se mostraram potentes à discussão das narrativas e memórias construídas. As estéticas referem-se às formas de andar de skate na cidade que puderam ser transformadas a partir dos materiais e das arquiteturas que se dispunham ou que estavam em voga. As políticas remetem-se a políticas do proibido e do permitido na cidade, em que skatistas são vistos como sujeitos a disciplinar em ações de limpeza do espaço público urbano. E no tópico potências, trago narrativas que expõem parte dos processos de subjetivação dos skatistas na direção não somente de uma esportivização da prática, mas também de uma esportivização dos sujeitos. Mais uma vez, a divisão realizada não procurou estabelecer fronteiras entre as narrativas, mas sim atravessamentos e tangências, já que os eventos narrados, muitas vezes, são arranjos de um mesmo acontecimento.

Entre as atas e deliberações de cada reunião, é comum a entrada de um ou mais vereadores prometendo a implementação de diversas pistas na cidade. Tais promessas fáceis e uma tendência em acionar uma proliferação de pistas na cidade vêm me incomodando e, por efeito, interpelando a escrita desta monografia.

4.2.1 Estéticas

Procurando identificar alguns usos dos espaços urbanos do município pelos skatistas entrevistados, deparei-me com um passado em que as praças e as calçadas de escolas eram terrenos diários das andanças de skatistas, e que as poucas pistas que se construíam, vinham sanar uma modalidade específica em ascensão na década de 80, que era o vertical e as transições[45].

[...] nos anos 80 predominava mesmo era half ou miniramp, o pessoal não fazia street ou skate de rua como faz hoje, todo mundo era half, todo mundo, o próprio esporte, era muito mais popular nos anos 80 era o half, o street só ganhou força mesmo nos anos 90 pra cá, então isso era uma influência da época né, tanto que hoje quando se faz pista de skate, se inaugura qualquer pista de skate em qualquer cidade sempre é pista de street mesmo, é uma mudança no panorama do skate (HENRIQUE, 05/1012).

Os skates de tábua e eixos mais largos, predominantes nas primeiras lojas de especializadas na cidade, criavam condições ao desenvolvimento de saltos e vôos em detrimento das manobras de giro. Os equipamentos de proteção eram amplamente utilizados, já que as rampas e as transições eram necessárias para tirar o skate "tubarão" do chão, devido ao seu peso. Mais tarde, as tábuas resinadas vinham trazer mais resistência ao skate, possibilitando outros movimentos e ações sobre o carrinho.

[45] Refiro-me às modalidades do skate que acontecem numa pista em formato de "U" em que o skatista realiza suas manobras sempre na direção vertical, num vai e vem constante entre as bordas da pista. O *Banks* da Esporte & Ação é um exemplo de transição vertical.

Figura 4: Rogério manobrando com o skate modelo tubarão sobre uma rampa de madeira nos anos 80. Fonte: Acervo pessoal de Rogério "Mofado", 2013.

[...]esse shape aqui é um shape Maha, já é um resinado, esse aqui pra quebrar já era mais difícil, que na época nem tinha assim shape resinado, e depois né que a gente saiu do bandeirantes, a onda era saltar rampa, a gente saltava agarrando assim, não era de ollie, segurava, antes não existia ollie, saltava rampa e dava estilos no ar assim, só que os shape eram uma semana né...
J: Não durava muito né pulando assim, e teve muita diferença de sair do bandeirantes pra ir pra esses...
R: *Teve, teve, porque a diferença da largura do truck né, melhora bastante as rodas, andavam mais, a gente já descobriu que existia um rolamento blindado né, rolamento blindado não era nas lojas, a gente comprava na Colombo* [rua que mantinha lojas de materiais de ferragem] *ali, a gente comprava ali, eu me lembro que a gente juntava dinheiro e comprava um, comprava dois* (ROGÉRIO, 19/08/13).

Eventos como o fechamento do *Banks e* da loja Esporte & Ação com a volta do Nakano para São Paulo, em meados dos anos 90, a comercialização de skates mais leves e dinâmicos, além da popularização da modalidade *street* estampada em revistas e mídias de skate da época[46], entre outros, criou condições a um deslocamento das chamadas transições (vertical) ao *street* e ao skate nas ruas.

[46] Em meados dos anos 80, em momentos de circulação de textos culturais ainda não digitais e informatizados, os próprios skatistas de Rio Grande criavam suas produções na forma de fanzines e trocavam via correios com

[...] nessa época começou aquela transição vertical pra street, o street começou a aparecer com força, aí nós começamos a organizar um evento, a gente fez ali no...no Ginásio da Praça Saraiva...e aí começou a ficar forte lá em Pelotas a JL Casarin, a gente ia comprar peça também lá, aí eles apoiavam, eles apoiavam legal, até não me lembro se eles davam premiação [...] Já tinha manobras de street, já tinha ollie, já tinha flip, agora wallride, parede de wallride, rampa de salto né, e...só que com ollie já né, e era isso aí, era as manobras de. corrimão, roscckslide, é já tinha sim, um street assim bem rústico, mas bem próximo desse que a gente faz hoje, era corrimão, descer corrimão, sempre tinha que ter um corrimão assim, em vez de ser a pirâmide como a gente faz hoje, era uma rampa de um lado, plataforma reta, com um corrimão do lado, era isso mais ou menos, aí parede de wallride, me lembro que sempre tinha que ter uma parede de wallride pro pessoal andar (ROGÉRIO, 19/08/13).

Decorrente desses movimentos de mudança nas estéticas do skate, das transições, vôos e equipamentos de segurança às manobras em obstáculos imitando as arquiteturas das ruas, a prática foi incorporando, fortalecendo e instituindo a modalidade *street* como a mais praticada na cidade, por volta do final dos anos 90. Na atualidade, grande parte das competições, andanças diárias e estéticas dos skatistas remetem-se ao skate *street*. As mini rampas constituem uma alternativa às manobras técnicas típicas da modalidade consolidada. Para além do skate praticado em pistas, o skate das ruas em arquiteturas não previsíveis à prática também manteve íntimas relações com o *skatear* em Rio Grande, provocando tensionamentos entre modos de andar e intervenções de políticas da cidade e do espaço publico sobre os skatistas.

4.2.2 Políticas

Algumas produções científicas já apontaram para os skatistas *streeteiros* como arquitetos urbanos (UVINHA, 2011) ou como aqueles que "fazem a cidade" (MACHADO, 2012), já que a imprevisibilidade e a infinidade de possibilidades de manobrar e usufruir dos picos urbanos constitui-se como uma das principais inspirações ao skatista *street.*

Em Rio Grande, a partir das falas dos depoentes, o skate no espaço público foi alvo de ações visando sua proibição, já que esses também eram espaços de encontros e circulação de pessoas com intencionalidades diversas, principalmente, quando se dava em praças da cidade. O skate na Praça Xavier Ferreira, entre outros lugares, foi proibido antes mesmo da criação da pista e sede da Ask-rg.

---

skatistas de outras regiões, como São Paulo. Assim era possível conhecer outros modos de andar de skate e ser skatista para além daqueles presentes na cidade de Rio Grande/RS. Apresentarei essas relações mais amplamente no tópico "Constituir-se skatista: identidades, influências e amizades".

[...] naquela época (anos 90) não tinha problema de andar na Praça Xavier, passava tardes e tardes, sábado e domingo andando na Praça Xavier lá, hoje qualquer um que for andar lá pode ter o skate apreendido pelos policiais ali da prefeitura. A Praça Xavier foi uma escola pra mim, muito andei lá, aprendi manobra, tenho grandes lembranças mesmo, só não ando lá hoje por que é proibido né, senão andaria (HENRIQUE, 05/10/12).

[...] pegava embalando, eles viam skatista já ficavam na volta já, tu tava andando em qualquer lugar já era atrack, já era ignorância assim, apanhar eu nunca apanhei... ROGÉRIO, 19/08/13).

Como efeito dessas políticas de proibição e interdição, rótulos e estigmas eram direcionados aos skatistas das ruas, principalmente, aqueles que tentavam burlar esse novo impedimento na cidade. Tais ações provocaram nos skatistas a sensação da necessidade de espaços específicos a pratica na cidade, confiando nisso a minimização da identidade de "marginal".

> *[...] tu ir andar de skate e ser tratado como marginal assim, dá impressão que tu é um marginal, de repente os policiais ali dizem: 'dá teu skate'. Já me tiraram o skate uma vez, tive que assinar um documento, tive que dar carteira de identidade e tal, aí disseram assim 'se tu andar aqui de novo nós vamos pegar o teu skate e não te entregamos mais', a gente vira um marginal nessas horas né, então é por isso que a gente fez esse tipo de coisa aí, pra conseguir um espaço pra andar livremente sem problemas, por que o skate é um esporte marginal de certa maneira, é uma pena, e...e, essa, essa pista no centro de eventos teve que ser assim, a gente teve que falar com políticos e tal, mobilizar mesmo, até conseguir, foi assim que a gente conseguiu aquela pista* (HENRIQUE, 05/10/12).

Essas investidas no ordenamento da cidade estabelecem os lugares permissíveis e não permissíveis das práticas dos sujeitos, esquadrinhando-os em determinadas possibilidades de ação e movimento. No caso dos skatistas, impõem a existência de um lugar especializado à prática, subordinando essa a necessários investimentos em sua esportivização para manutenção de sua existência, ao menos, permissível. Políticas como essa me colocam a pensar na cidade e nos sujeitos que as usufruem inseridos em ações direcionadas ao consenso, à ordem e à homogeneidade, visto que a proibição também é decorrente de processos de convencimento da necessidade de espaços específicos às práticas corporais e esportivas na cidade.

Esses jogos de poder determinam certas arquiteturas como as únicas possíveis a determinadas práticas, como, nesse caso, as pistas de skate. Essas políticas do proibido assujeitam e educam para determinados modos de viver o skate e constituir-se skatista. Na

esteira dessas políticas de proibição, interdição e limpeza do social, o espaço público tem dado lugar a um "espaço de públicos" ou um espaço mixofóbico[47], em que os diferentes grupos sociais e identidades urbanas, a saber, são sancionadas a situarem-se em locais específicos, evitando o convívio e o encontro com as diferenças e alteridade na cidade.

> Os espaços públicos são os lugares nos quais os estrangeiros se encontram. De certa forma eles condensam – e por assim dizer, encerram – traços distintivos da vida urbana. É nos locais públicos que a vida urbana e tudo aquilo que a distingue das outras formas de convivência humana atingem sua mais completa expressão, com alegrias, dores, esperanças e pressentimentos que lhe são característicos (BAUMAN, 2009, p. 70).

A persistência em fazer usos inesperados da cidade pelos skatistas não somente constitui parte de um processo de resistência[48] a esses movimentos de limpeza do espaço urbano, mas também engendra outros modos de constituir-se, tecidos a partir das dinâmicas e contingências do lugar público e da multiplicidade de sujeitos que nele circulam. "A formação da identidade é um processo público, um acontecimento no mundo. Nas lutas contra formas de subjetivação [...] o sujeito se constitui no mundo compartilhado com outros indivíduos" (ORTEGA, 2000, p.28). Investir nisso é promover abertura à experiência do público e do político de um modo diferente, é estar aberto a outra política da amizade a partir de outras práticas de liberdade, que não convivam somente com semelhanças, mas especialmente, com as dissonâncias.

4.2.3 Potências

Aqui, trago narrativas que expõem o que chamo de potências do espaço público, as quais mostram pistas de processos de subjetivação na direção não somente de uma esportivização da prática, mas também de uma esportivização dos sujeitos, atribuindo a organização institucional, as competições, aos lugares especializados (as pistas) e as lojas de skate, estatuto de práticas socialmente valiosas em detrimento da "precariedade" vivida em momentos de dispersão, itinerância e oficinagem.

---

[47] Para Bauman (2011), "a mixofobia manifesta-se no impulso de construir ilhas de similaridade e identidade em meio a um oceano de diversidade e diferença" (p. 191)

[48] No caso dos skatistas de Rio Grande, paralelamente aos processos de resistência frente ao ordenamento espacial a eles subordinado, no caso, andar de skate somente em pistas, houve também processos de convencimento e conformação a essas ingerências, quando passam si próprios a legitimar e consagrar as pistas como lugares mais valiosos e pertinentes ao skate em comparação às ruas. Tais narrativas, utilizam a noção de evolução técnica esportiva como critério de qualificação das pistas e deslegitimação das ruas, mostrando ruídos de um processo de esportivização da prática na cidade.

[...] não tinha pistas em Rio Grande, não tinha essa coisa de hoje de pistas e lojas, era bem precário mesmo, totalmente na rua, totalmente, na época quem queria comprar peças tinha que ir até Pelotas, não tinha como comprar nada aqui. Hoje a coisa mudou né, tem pistas, tem três lojas, tem a internet também, dá pra se comprar pela internet e tal, mas na época era totalmente precária a coisa (HENRIQUE, 05/10/12).

Essa fala traz alguns dos aspectos levantados sobre um skate na cidade que se encontrava precário, em meados da década de 90, sem a existência de pistas, sem a existência de lojas, "totalmente na rua". Considerando que as memórias narradas fazem um movimento de olhar para o passado com os olhos do presente e também, realizam um movimento pendular no tempo[49], identifico essa precariedade tomando por referência um skate que se tornava mais esportivo e que, dessa forma, educava e subjetivava os skatistas para um novo modo de exercer essa prática, menos imprevisível, arriscado e marginal e mais organizado, especializado, acessível, apoiado e virtuoso.

O ano 98, trazido pelo Henrique como o "ano chave" para o skate em Rio Grande, tem nas lojas, nas pistas e nas competições, os principais motores para sua adjetivação como tal, atribuindo como alternativos os modos pelos quais o skate se dava anteriormente a esse tempo.

[...] antes era muito alternativo, a partir de 98 ficou popular mesmo, por causa da pista, principalmente por causa do surgimento da pista lá na Ask-rg e também da loja né, agora o pessoal já tinha onde comprar roupa, tinha onde comprar material, as duas coisas surgiram juntas, a Quebra-mar e a pista lá do Centro de eventos e isso foi ótimo pro skate né, ótimo mesmo, antes tinha campeonatos, mas era uma coisa alternativa, pra vocês terem uma idéia, primeiro campeonato que eu corri, o que teve na pista da Portugal eu não participei, mas que eu corri foi num pátio dum colégio, o Silva Gama lá no Cassino, uma coisa totalmente alternativa (HENRIQUE, 05/10/12).

Essas dinâmicas e processos que rompem com um modelo alternativo e articulam o skate a sua forma mais "popular", engendram também em seus sujeitos outros modos de olhar para essa prática, tomando como "evoluídas" as formas mais atuais, ou mais esportivas, de andar de skate. Assim, imersos nesses processos de subjetivação orientados ao esporte, o skatista que antes iniciava a prática no asfalto das ruas e na oficinagem de rampas e peças, hoje reivindica outras estruturas à pista concedida, mais refinada e qualificada.

[...] tem que melhorar muita coisa, fazer uma reforma, aumentar um pouco pro lado de repente, botar mais luz, botar um banheiro, um bebedouro, que não tem como tu ficar andar

---

[49] Portelli (2010) aponta que as memórias realizam um movimento pendular no tempo, não são cronológicas, mas sim transitam em diferentes tempos passados e presente, como o vai e vem de um pêndulo.

duas três horas de skate ali sem ter um banheiro, sem ter onde tu beber água, sem ter onde tu sentar, não tem, não tem...iluminação precária, não tem um banheiro, um bebedouro, não tem nada, foi por isso que eu te disse, foi um projeto mal feito, um projeto muito mal feito (ISMAEL, 27/09/11).

[...] e o skate acabou saindo desse ar de marginal, né, de uma coisa que é discriminada, pra uma coisa que ainda que tenha uma característica assim de rebeldia, mas que é encarada como esporte (ROGÉRIO, 19/08/13).

Tais narrativas identificam elementos de uma esportivização do skate na cidade que não somente interpela os seus funcionamentos enquanto prática, mas especialmente, endereça modos de ser, pedagogizando os skatistas a condutas esportivas, tornando-os através desses campos de força sujeitos orientados a "voga esportiva" (SOARES, BRANDÃO, 2012) Para além de uma esportivização da prática, constituiu-se paralelamente uma esportivização dos sujeitos.

> O modelo esportivo invade a vida cotidiana, as escolas, as empresas, os lares e toda uma expectativa de educação do corpo, de saúde e, no limite, da vida, se constitui a partir deste modelo. Não seria demasiado lembrar aqui das metáforas esportivas que se impõe cotidianamente, tornando-se um automatismo de linguagem e de pensamento em numerosos domínios, sempre como injunção normativa em direção à performance, a sobrepujança, ao quantitativo da vida" (p. 13).

Diante das memórias narradas e diálogos estabelecidos, situo o processo de subjetivação dos skatistas orientados ao esporte como potências do espaço público, uma vez que apresentam produtividade na constituição dos skatistas. Potências identificadas em narrativas amparadas na assunção de que existem espaços específicos à pratica e de que as competições e a organização institucional são marcas de um skate mais evoluído, valioso e legítimo.

4.3 Constituir-se skatista: identidades, influências e amizades

Nesse tópico exponho narrativas que tratam de elementos que, nas memórias dos depoentes, atravessaram a constituição dos skatistas de Rio Grande/RS. O primeiro elemento são as identidades como estratégias de se expor e de se opor em momentos que ser skatista significava adesão a imaginários vinculados a transgressão e a rebeldia e, mais tarde, a adesão a uma não-identidade, que buscava desconstruir estigmas e estereótipos já instalados sobre esses sujeitos. O segundo elemento responde pelas influências, as quais se remetem a produção, circulação e troca de artefatos culturais, especialmente os zines e vídeos que veiculavam imagens e narrativas de skatistas de outras regiões em momentos de comunicação

baseada no impresso, na correspondência postal e na produção em VHS. E o terceiro elemento são as amizades, mencionadas pelos três depoentes como "aquilo que ficou" do envolvimento com a prática do skate em suas vidas. As viagens coletivas em excursões para competir e realizar *sessions* em outras cidades também estão apresentadas no tópico amizades, já que as relações que se estabeleciam entre os skatistas nessas viagens caracterizavam modos de agir e estar junto em meio aos desafios e aventuranças da prática fora da cidade.

4.3.1 Identidades

O que é ser skatista pra você? Foi a partir dessa pergunta que obtive narrativas que me levaram a momentos distintos da trajetória do skate e dos skatistas em Rio Grande. Um deles, vivido pelo depoente Rogério "Mofado", skatista da geração mais antiga entre os depoentes, refere-se a um momento em que ser skatista significava adesão a identidades vinculadas a transgressão e a rebeldia, especialmente, no imaginário do punk rock.

[...] rolava essa questão assim de ser skatista né, a gente já gostava de coisas diferentes assim tipo, o skate e a música assim eles andam sempre meio juntos assim né, se tu observar assim, nessa época ai a influência, a identidade do skate ela tava misturada com a do punk assim, a do rock, então a gente andava às vezes com bracelete, que é ratos de esgoto né [equipe de skatistas criada por Rogério e amigos na década de 80]*, uma coisa bem agressiva, bem punk mesmo né, e aí já era um tênis altão, o cabelo já era um topete assim, eu me lembro que eu e o Elton a gente tinha topete, então era uma coisa...um moicano, alguns tinham moicano, então era uma coisa que culturalmente ela é...anti um padrão que tá da época né, então acaba assim, bah os caras do skate, o visual, tu já identifica e tu já discrimina né, até hoje permanece de alguma forma né, mas a questão da roupa, da forma, acabava que as pessoas todas sentiam um certa discriminação* (ROGÉRIO, 19/08/13).

Olhando para as falas do Henrique, skatista de uma geração posterior ao Rogério, percebo um deslocamento nos modos de constituir-se skatista e significar a adesão a uma identidade marcada. Para ele, adepto de uma "anti-identidade", "ficar segregado" ao rótulo convencional se mostrava uma prática comum a juventude. Hoje, não se considerando mais jovem, se autoriza a escutar músicas e vestir roupas que "fujam da regra", isto é, que escapem dos imaginários identitários instituídos aos skatistas.

A maioria, a maioria, a grande maioria inclusive, se vestia de roupa larga e só escuta hardcores, punk rocks, grunge, hip hop, essas coisas, a maioria mesmo, era difícil um skatista fugir dessa regra, se vestir certinho ou escutar sei lá, MPB, não tinha, não tinha mesmo, hoje eu escuto tudo isso, mas eu escuto MPB, escuto Beatles que é a minha banda preferida, entendeu, não dá pra ficar segregado, mas quando se é jovem normal, normal (HENRIQUE, 05/10/12).

A fala acima expõe pistas acerca de como o depoente foi interpelado pela questão da identidade em suas experiências junto ao skate. O que me cabe perguntar, mesmo sem a pretensão de responder nessa escrita, é o que faz com que a juventude seja colocada como critério de adesão a uma identidade marcada? Quais verdades se colocam sobre a juventude autorizando e legitimando determinadas praticas a si e não a outras fases da vida?

Enquanto que para o Henrique a identidade skatista é efeito da passagem por um momento de sua vida, a juventude, para o Rogério, a incorporação e adesão a um imaginário marcado foi atravessado por suas experiências e desafios vividos junto a prática.

[...] né, então eu acho que o skate, o que ele representa, o que é o skate na minha vida é toda essa luta ai, eu ia ter que enfrentar família, eu ia ter enfrentar policia, eu ia ter que enfrentar discriminação dos familiares, né, eu vivi uma época que passou do estilo punk pro estilo roupa larga, cara, andar de roupa larga e xadrez era a coisa assim ó, mais...qualquer lugar que tu andava as pessoas te olhavam e ficavam te fulminando assim né, e como aquilo te representa, representa aquilo que é o mais importante na tua vida tu enfrenta né, mas tu aprende também, tu aprende que se tu tiver com uma roupa diferente embora tu tenha as melhores intenções na tua vida, tu queira fazer amizades, as pessoas vão ter uma barreira contigo né, vão te olhar a partir do que tu veste, a partir do que tu faz, né, tu ta com o tênis todo rasgado, skatista que é skatista se o tênis não tá rasgado é porque ele não anda né [risos], *pelo menos quando ele tá andando de skate né* (ROGÉRIO, 19/08/13).

Ser skatista, nesse caso, é estar disposto a enfrentar os efeitos da identidade "teatralizada"[50] como "aquilo que te representa" e estar inserido em estratégias de resistência aos impasses colocados pela identificação estereotipada. Para ambos os depoentes, ser skatista significa ser algo para além de subir no carrinho e embalar, é também ser interpelado pela música, pela vestimenta, pela aparência e, por efeito, vivenciar os ruídos e olhares de uma política de identidades que nomeia, segrega, sanciona e discrimina.

Nesse sentido, cabe pensar se a estratégia de uma não-identidade, adotada pelo Henrique, é também um meio de ludibriar esses mecanismos de imposição de sentido aos skatistas. Assim, uma não-identidade, como uma ação política contra a corrente, pode pulverizar a identidade estabelecida a ponto de serem várias ao invés de nenhuma.

4.3.2 Influências

Aqui exponho narrativas demonstrando aquilo que educava os skatistas em determinados momentos e os influenciava em suas manobras e subjetividades. Refiro-me a

[50] Para Ortega (2000) "Ação e discurso são as únicas formas de que os homens dispõem para 'mostrar quem são' [...] Indica uma identidade que se constitui publicamente como aparência, máscara, um papel a ser representado, pois, a teatralidade possui uma grande afinidade com a vida publica" (p. 26)

saberes provenientes de artefatos culturais em tempos de comunicação baseada no impresso, na correspondência postal e na produção em VHS. Em meados da década de 80, fanzines produzidos à própria mão, funcionaram como um modo de conhecer o skate que acontecia "lá fora" e também de aquecer as ações em torno do skate na cidade.

[...] a gente tinha acesso em revista nas bancas, assim né de jornal, e esse o Law que eu te falei tinha uma loja de revista ali em frente a Praça Xavier ali, no canto tinha uma loja que era importadora de revistas, como eles lidavam com fanzine e história em quadrinho, essas coisas, eles eram fissurado nisso né, e tinha uma informação a partir dos fanzines de São Paulo, do Rio, desses lugares, e acabaram conhecendo né, e acabaram não sei com quem lá que eles fizeram, tinha um cara que até tocava guitarra aqui em Rio Grande, era bem conhecido, o cara gostava também, eles acabaram convencendo e trabalharam nessa loja importadora de revista, daí vinha Trasher, vinha Skateboard, aí tu tinha informação do que estava acontecendo lá, era uma fortuna assim, às vezes juntava três, quatro cara pra comprar uma revista, né porque era uma revista grossona e pá, pra nós aquilo ali era um... (ROGÉRIO, 19/08/13).

Figura 5: Capa de um dos fanzines produzidos pelos skatistas
Fonte: Acervo pessoal de Rogério "Mofado"

A produção desses materiais, os fanzines, informativos independentes que continham notícias, opiniões, imagens e outras coisas, partia de um grupo de jovens que se identificava com a prática e que também mantinha estreitas relações com o desenho, ainda feito em tinta

nanquim, e com a arte independente[51]. Junto aos fanzines, as ainda poucas revistas especializadas de skate compunham o acervo dos artefatos culturais de skatistas do final dos anos 80, como o do Rogério[52].

Mais tarde, os vídeos em VHS passaram a disseminar a prática a constituir parte do acervo dos skatistas de Rio grande, como o Henrique, "o cara dos vídeos" que passou a copiar e colecionar todas as produções desse tipo que encontrava.

[...] [anos 90] *era o vídeo cassete se fazia cópia ainda, tinha que ter dois vídeos cassete pra fazer cópia e tal...ou então se gravava na tv, eu gravei muita coisa na tv pelo meu vídeo cassete que eu tenho até hoje inclusive né, mas era muito mais difícil comparado a hoje, hoje tu entra na internet digita ali e consegue na hora o vídeo tal do ano tal, mas na época tinha que ir atrás, se tinha que ir atrás pra conseguir um vídeo de skate, uma revista, ou uma revista importada, quando se ia a Porto Alegre pô ai sim, lá em Porto Alegre tinham lojas, tinha revista de skate até nas bancas, aqui em Rio Grande as coisas demoraram pra acontecer mesmo* (HENRIQUE, 05/10/12).

O recurso da internet como fio condutor das redes de comunicação informatizada trouxe ao skate outras possibilidades, como o *download* gratuito de vídeos, assistir manobras online, filmar e produzir áudio-visuais próprios e independentes, entre outros. Mesmo com a emergência da tecnologia digital e informática nos anos 2000, cabe lembrar que nem todos os skatistas podiam acessar essas novidades, especialmente, os quais convivi anos da minha vida, os skatistas "do Marinha"[53].

Ao perguntar pro Henrique sobre os motivos que tornavam esses vídeos artefatos tão valiosos, percebi que suas imagens mostravam-se ferramentas educativas aos skatistas, já que as manobras assistidas e os skatistas em visibilidade em tais produções inspiravam e influenciavam o manobrar dos skatistas daqui.

---

[51] Um dos produtores desses fanzines de skate nos anos 80 foi o Law Tissot. Hoje, ha quase trinta anos após, Tissot é professor universitário no curso de Artes Visuais da FURG e já tem ampla publicação de cartilhas acerca de fanzines, colagem e produção artística independente.

[52] Esse depoente disponibilizou para a pesquisa, no momento da entrevista, uma pasta composta por fanzines, atas, cartazes, anúncios, fotos e outros textos, os quais ele mesmo reconhece como preciosidades, pois acredita que foi um dos únicos skatistas dos anos 80 que arquivou esses materiais que, na época, circulavam entre os praticantes e simpatizantes da prática na cidade.

[53] Lembro que um aparelho de DVD, uma câmera fotográfica ou um computador, para nós, eram artigos de luxo. Mesmo com a onda digital adentrado o novo século, as revistas e os VHS ainda eram as mais acessíveis ferramentas de comunicação sobre o skate entre nós. Desse tempo de muito skate e pouco registro, só disponho de uma fotografia minha realizando uma manobra em frente a minha casa, no ano de 2004, tirada com a câmera emprestada de uma tia. Suspeito que, se essa pesquisa se dispusesse a construir uma história cultural, a partir de textos digitais, fotografias, vídeos, sites, blogs e não da oralidade desses sujeitos, talvez não tivesse a presença de skatistas desse bairro, como o Ismael, por exemplo, o qual também teve pouco ou nenhum acesso às tecnologias digitais e internet, emergentes no inicio dos anos 2000.

[...] nós usávamos muito como inspiração mesmo, e eu, varias vezes ia fazer a manobra e...sei lá, vou fazer a manobra que o...o And Macdonald faz, And Macdonald é um skatista americano que sempre foi uma das minhas principais influências, fazia manobra que o Ferrugem faz, o Ferrugem é um skatista de Curitiba, Paraná, é um dos que mais ganhou campeonatos na história do Brasil, sempre era assim mesmo, "ah vou fazer uma manobra que fulano tal faz", sempre assim (HENRIQUE, 05/10/12).

Paralelamente, as revistas de skate passaram a se difundir em Rio Grande com a instalação das primeiras "Surf e skate shops", que eram estabelecimentos que vendiam produtos especificamente para a prática de surfe e skate. Antes disso, era preciso visitar o município vizinho, a cidade de Pelotas/RS, na busca desse artefato que, assim como os vídeos, constituía e interpelava os skatistas através de seus enunciados.

[...] as principais revistas de skate, a revista Tribo Skate e a Cemporcento, começaram a chegar em Rio Grande...a partir de 97, antes disso pra comprar uma revista tinha que ir em Pelotas, as coisas demoravam pra acontecer aqui em Rio Grande, demoravam mesmo, é...a Tarôa, no início era a...primeira loja, só que trabalhava mais com surf, e as vezes vendia material de skate, ai tinha que ir a Pelotas também pra comprar material, só a partir de 98 foi o ano chave pro skate em Rio Grande por que além de surgir a pista também surgiu a Quebra Mar aqui, e começaram a vender material de skate mesmo (HENRIQUE, 05/10/12).

Os fanzines se constituíam em textos culturais sobre skate típicos de um tempo, em que as referências e influências eram mais localizadas e tinham uma circulação restrita às correspondências que se davam. O fazer "a própria mão" dos fanzines, vai dando lugar aos artefatos comercializados de ampla divulgação, de iniciativas de marcas especializadas e lojas de skate que emergiam paralelamente.

Os saberes provenientes desses textos, tanto os fanzines quanto os vídeos e revistas de maior circulação, não somente criavam condições de visibilizar skatistas que se destacavam em regiões como Estados Unidos, São Paulo e Rio de Janeiro, como também tornavam esses e suas manobras símbolos de inspiração e influência. Assim, os skatistas de Rio Grande passaram a constituir-se skatistas não mais somente a partir das condições dessa localidade, mas junto aquilo que acontecia e se anunciava nas revistas e vídeos. Esse acontecimento possibilitou que o Henrique tivesse em suas *sessions* diárias a companhia, mesmo que indireta, de skatistas profissionais e ilustres como And McDonald e Ferrugem.

4.3.3 Amizades

As amizades tratam de narrativas mencionadas pelos depoentes como "aquilo que ficou" do envolvimento com a prática do skate em suas vidas. Vinculadas a essas narrativas, as viagens coletivas em excursões para competir e realizar *sessions* em outras cidades também

foram mencionadas e serão aqui expostas, já que as relações que se estabeleciam entre os skatistas nessas viagens caracterizavam modos de agir e estar junto em meio aos desafios e aventuranças da prática "lá fora". Abaixo, o Ismael conta um episódio de uma viagem a Bagé/RS[54] vivido ao lado de alguns amigos, momentos intensos que mesclaram a sensação de "uma boa lembrança" à de desconforto como o frio sentido com a estadia noturna em um posto de gasolina, em pleno inverno gaúcho.

Ah a gente foi pra Bagé quase não tinha lugar pra ficar, fomos no militão [alojamento de milicos] *lá não deixaram a gente ficar no militão, não podia que ia ter competição, já tinha gente lá, aí a gente saiu a procurar hotel na cidade, andamos toda a cidade de van e não achamos hotel, pedimos pro motorista da van pra dormir na van ele não deixou, aí quando vê a gente tava passando na frente de um posto aqui. Quando vê eu não lembro quem falo "ah então larga a gente aqui", aí a gente desceu, chegamos no cara do posto e aí "olha a gente é lá de Rio Grande", explicou a situação, "não tem um cantinho pra gente ficar ?" aí tinha um canto assim que ele tinha uma paredezinha pequena, era um quadrado, e atrás uma câmara fria do posto, era o único lugar "ah vocês só podem ficar ali naquele canto eles falaram", aí a gente foi ali pra aquele canto ali e ali a gente ficou, ali a gente ficou deitado, tapado com jaqueta, moletom, tinha uns que tinham cobertor, bah tinha gente até chorando pedindo a mãe, báh aquele dia foi...E a gente passou lá no lugar andando de skate até que os policial vieram, disseram pra gente "que tinha FEBEM em Bagé", "tem FEBEM" , vocês fiquem quietinho aí se não vocês vão pra lá, aí a gente se aquetou, mas ninguém conseguiu dormir, tu cochilava um pouquinho e já acordava batendo dente loco de frio, na época...pô Bagé sempre foi frio né, e eu acho que foi a única vez que a gente ficou na rua...uma vez* (ISMAEL, 27/09/11).

Viagens individuais ou com a companhia de alguns poucos amigos também se davam em alguns casos. A frente, mostro fala do Ismael na qual conta outro episódio de viagem a Novo Hamburgo/RS, em que, novamente, ter lugar para dormir ou dinheiro para hotel não se mostrava condição necessária ao deslocamento desses skatistas. Chegar é suficiente. A hospedagem era oferecida pelos skatistas "locais", os quais tradicionalmente abrem suas casas para estadia dos skatistas "de fora". No entanto, essas negociações e contratos simbólicos estabelecidos nesses eventos, por vezes, apresentavam falhas, já que a "hospedagem solidária" não funcionava como esperado em todas as viagens que ocorriam. Por pouco a árvore não se tornou estadia dos meninos, atribuindo às suas lembranças de aventuras "lá fora", outra noitada não convencional.

[54] É tradição dos skatistas de Rio Grande realizarem excursões a Bagé para competirem no Circuito Bageense de Skate Amador. Essas viagens, todos os anos, fazem parte do calendário de atividades de grande parte dos praticantes, as quais acabam potencializando vivências e vínculos entre os skatistas da cidade, já que lá em Bagé todos são "os de fora".

[...] lá em Novo Hamburgo que foi eu e o Batatinha só a gente foi de ônibus de linha, campeonato brasileiro amador, isso faz pouco, foi em 2007, campeonato brasileiro amador, eu mesmo tava...acho que...meio ano sem andar de skate, fora de forma, gordo eu tava na época, não consegui andar, andei até mas não andei muito bem , fiquei em 27º no campeonato mas foi...foi uma baita experiência que a gente foi, não tinha onde dormir no primeiro dia aí a gente falou com um local lá de Novo Hamburgo "bah não sabe um lugar pra gente dormir e tal" aí ele "báh não sei, minha casa já ta cheia e tal", então tá, aí saímos pela cidade né, a gente sabe que Novo Hamburgo é violento né, aí a gente tava dando uma volta na cidade eu vi um terreno baldio assim e falei pro Batatinha "é aqui Batatinha, vamo pula, vamo pra cima da árvore né, vamos se esconder em cima da árvore e passar a noite inteira em claro, e nessa ele dobrou o mesmo cara que a gente tinha falado "e aí conseguiram lugar pra ficar", conseguimos aqui ó, falei pra ele, vamos pular o terreno baldio vamos dormir em cima da árvore, aí ele "não vocês são loco, vamos lá pra casa não sei o que...", aí no caminho ele nos contou que tava com vergonha de convidar alguém pra ficar na casa dele por que a casa dele é humilde e tal, aí eu falei, a gente falou "não, pô o que tu nos oferecer pra gente é luxo né", a "gente vai dormir na rua o que a gente tem pra reclamar se tu tá oferecendo a tua casa", aí...a gente dormiu lá, acabou que a gente ficou até terça feira da outra semana, indo todos os dia pra pista publica lá de Novo Hamburgo, andamos lá baita experiência, bem legal... (ISMAEL, 27/09/11).

Decorrentes desses deslocamentos, relações atravessadas por medos, angústias, experiências, risadas e imprevisibilidades foram se instituindo nas trajetórias desses skatistas e constituindo suas subjetividades. As aventuranças e desafios criavam condições pra que "lá fora" os skatistas Rio Grandinos se tornassem um "nós", mesmo com suas disputas e conflitos citadinos por espaços de prática e modos de ser skatista. Nesses eventos, as convivências e encontros com amizades "distantes", mesmo residentes em uma mesma cidade se mostravam possíveis, desconstruindo parte dos comunitarismos e bairrismos que se davam entre os grupos e os espaços de prática "aqui dentro". Para Ortega (2000) "não utilizamos o amigo para fortalecer nossa identidade, nossas crenças, isto é, 'o que somos', mas a possibilidade de concebermos a amizade como um processo, no qual os indivíduos implicados trabalham na sua transformação, na sua invenção" (p.114).

Pra mim o que ficou do skate é a amizade, bastante amizade que eu fiz, bastante amigo, que eu tenho da época do skate, é bem legal, bastante amizade eu fiz, bastante...não dá de contar nos dedos as pessoas eu acho, o que ficou foi isso aí a amizade (ISMAEL, 27/09/11).

Conquistar amigos a tal ponto de "não conseguir contar nos dedos" é parte também de um processo de ampliação e abertura ao outro, ao skatista de outras cidades, de outras idades, de outros bairros, outras trajetórias, em detrimento de uma amizade pautada pelos "poucos, bons e próximos amigos".

5. FINDA UMA *SESSION*: NOTAS EM TORNO DE UMA SKATEADA E TANTO[55]

Nessa skateada, na qual pretendi analisar as condições de emergência, os usos dos espaços públicos e urbanos e a constituição dos skatistas de Rio Grande/RS, pude trilhar itinerários que me levaram, a partir do encontro com a história oral e a construção de memórias, a uma atitude política na produção de narrativas em torno de outros e não mais somente de mesmos. Assim, não foi por falta de vocabulário que a palavra outro tanto apareceu nessa escrita. Nesse exercício de pesquisa, pude ir ao encontro de outros picos, não para manobrar o carrinho, mas para skatear no pensamento; outras narrativas, as quais não estivessem referenciadas numa trajetória mestra operante sobre o skate; outros espaços, que não fossem os privilegiados pela produção acadêmica e cultural – o eixo Rio-São Paulo; outros tempos, que não voltados ao recorte estabelecido – as décadas de 60 e 90; e por fim, outras vozes que não aquelas tornadas oficiais, de skatistas profissionais, "de sucesso" ou de "visibilidade midiática".

Para dar conta da alteridade pretendida nesta empreitada, entrevistei skatistas de três gerações e localidades diferentes, constituindo um mosaico de memórias na pluralidade de suas falas e singularidade de suas experiências. Decorrente da oralidade desses sujeitos encontrei-me com imagens e pistas de quem seriam os outros que buscava e, paralelamente, narrativas já ditas na produção acadêmica e cultural estiveram presentes nas suas falas. Deparei-me com trajetórias vividas diferentemente por cada skatista entrevistado, constituindo um recorte histórico posterior ao projeto, localizado entre os anos 80 e anos 2000. A cidade de Rio Grande/RS, cidade das águas, do extremo sul do país, se estabeleceu enquanto espaço geográfico, e os skatistas dessa localidade, que exerceram a prática em suas vidas em meio as suas dinâmicas e singularidades histórico-culturais, constituíram-se protagonistas desse fazer histórico. Nessa perspectiva, analisamos as memórias a partir de três aspectos diferentes, dialogando com os objetivos de pesquisa. Foram eles: Geopolíticas do skate na cidade: andanças, disputas, ingerências; Arquiteturas do skate: estéticas, políticas e potências do espaço público; e Constituir-se skatistas: identidades, influências e amizades.

---

[55] A expressão "skateada e tanto" é utilizada não como intenção vaidosa, de superestimar a skateada dessa pesquisa como o termo "e tanto", mas sim como modo de expor o quanto essa skateada não constituiu para mim uma skateada qualquer, dessas do cotidiano, sobre o carrinho mesmo, das quais muitas vezes tiro "de letra". Esta skateada me colocou na condição de ser eu e outra ao mesmo tempo, de me inventar, me podar, me autorizar e me transformar. Mesmo isso sendo "só um TCC", parafraseando o que dizem nossos "professores e tanto" do curso de Educação Física da FURG, orientadores e mestres permanentes de nossas pesquisas, a trajetória dessa skateada me rendeu não somente esse produto final, mas também muitas perdas de fôlego e algumas unhas roídas, assim como a rica oportunidade de poder sentir adrenalina de skatear diante de um aparelho de notebook, escritas, leituras, ideias e, é claro, não posso esquecer, diante de um bom ventilador.

A primeira linha de análise foi construída pela identificação de uma geografia do skate na cidade, articulada não somente com a emergência e territorialização da prática em locais diferentes do município ao longo do tempo estudado, como o estacionamento do Kastelão na década de 80, algumas ruas da cidade e pista da Ask-rg nos anos 90, e a pista do Parque Marinha nos anos 2000, mas também, a modos diferentes de constituir-se e ser skatista nesses pólos. Sobre as andanças, analisei práticas de itinerâncias de um tempo sem pistas e pouca fixidez espacial deslocando-se a um funcionamento mais institucional, especializado, técnico e "profissional", como aponta o Rogério, o mais velho. Quanto às disputas, analisei modos pelos quais as pistas de skate tornaram-se fundamentais aos skatistas, produzindo, por efeito, relações de bairrismo entre aqueles que reivindicaram e habitaram determinada pista e aqueles que foram somente os "de fora" do pico. Por fim, ainda no que tange a geopolítica, analisei memórias acerca das ingerências entre poder público e os skatistas que emergem não mais visando proibir a prática, mas regulamentá-la e ordená-la espacialmente, convencionando uma interdependência entre Estado e skatistas.

A linha de análise seguinte foi nomeada de arquiteturas do skate, subdividindo-se em estéticas, políticas e potências. Na primeira esfera, analisei falas que indicaram deslocamentos nos modos de andar em virtude dos terrenos, obstáculos e materiais que se dispunha em cada momento histórico, assim como de acordo com as tendências de um tempo, como as transições na década de 80, segundo o Henrique. Quanto às políticas, construí narrativas em torno de práticas de proibição do skate em movimentos de limpeza do espaço público, repercutindo também na fixidez em espaços privados e pistas caseiras, como forma de exercer a prática sem a repressão policial e apreensão dos skates. Finalizando, em potências, analisei os modos pelos quais os processos de esportivização interpelaram não somente a prática do skate na cidade, mas também os skatistas, nas suas reivindicações a um skate mais "evoluído", mais esportivo. A arquitetura, nesse caso, se fez como pedagogia virtuosa do corpo, a partir do convencimento da necessidade de pistas como critério de desenvolvimento do skate e dos skatistas na cidade.

A terceira linha de análise respondeu pela discussão das identidades, influências e amizades no constituir-se skatista. No primeiro caso, expus falas que se referiam a diferentes modos de identificar-se skatista. Um deles, oriundo das experiências de um depoente mais antigo, ancorava-se na adesão a uma identidade vinculada a rebeldia e a transgressão, em que a discriminação decorrente da aparência e atitudes "contra o padrão" era parte da trajetória do skatista. Ser skatista, para esse depoente, além de subir no carrinho e embalar, é estar inserido nessas políticas de identidade e em seus efeitos, resistir a isso. Já para outro depoente, o

Henrique, estar inserido a uma identidade skatista segrega o sujeito, especialmente, quando deixa de ser jovem. A sua não-identidade, pulveriza os estereótipos estabelecidos e o autoriza, como skatista, a ser vários ao mesmo tempo ao invés de um ou de nenhum. Na segunda esfera – as influências –, analisei os artefatos culturais de circulação numa época de comunicação baseada no impresso e na correspondência postal. Nesse tempo, as referências, imagens e narrativas encontradas referiam-se a práticas mais internas, que aconteciam na cidade e entre os skatistas. Mais tarde, os vídeos e as revistas especializadas passaram a educar e produzir os skatistas para além das referências locais. Assim, os skatistas daqui puderam personificar skatistas estampados nesses veículos como ídolos a seguir, como "influências". Em amizades, ponderei as formas pelas quais as viagens para fora consistiram em práticas de amizade orientadas ao convívio entre os grupos e entre os "de fora", em detrimento de um bairrismo itinerante. Em viagens para outras cidades, todos nós éramos os "de fora". As experiências vividas nessas viagens foram acontecimentos na vida dos depoentes, especialmente, o Ismael, que pôde guardar memórias de noitadas não convencionais e partilhar de momentos tensos como episódios importantes em sua trajetória como skatista.

Esse trabalho, que me provocou tanta adrenalina como manobrar sobre o skate, não pretendeu mais que constituir outra análise ao conjunto de produções sobre skate, não mais verdadeira, não substitutiva, mas sim, outra. Assim, espero que a leitura dessa monografia possa gerar, especialmente naqueles interessados em construir objetos de pesquisa em torno dos aspectos e discussões levantadas, a inspiração, motivação e adrenalina que senti nessa empreitada.

Que possamos inscrever em nossas pesquisas nossos afetos e paixão por aquilo que fazemos. Que possamos escrever e falar com comprometimento e liberdade, ao mesmo tempo. Que possamos errar e assumir a finitude daquilo que produzimos. Se a leitura dessa jornada gerou ao leitor ao menos uma ponta de "audácia de pensamento" (FISCHER, 2005) minha tarefa está cumprida e já sinto que posso responder a questão recorrente em bancas de defesa e eventos científicos com a frase: "a função deste trabalho foi produzir outros". Se em algum leitor consegui produzir isso, está feita *session* e tanto.

6. PARCEIROS DE *SESSION*

AMÉSTICA, CLAVÉRIA, ETCHEPARE et al. El skate urbano juvenil una práctica social y corporal en tiempos de la resignificación de la identidad juvenil chilena. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, campinas, v. 28, n. 1, p. 39-53, set. 2006.

ARMBRUST, I. LAURO, F. O Skate e suas possibilidades educacionais. **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.3 p.799-807, jul./set. 2010.

BAUMAN. Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. Estrangeiros são perigosos. Será?. In: BAUMAN, Z. **44 Cartas do Mundo Líquido Moderno.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p.190-200.

BOM MEIHY, J.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto: 2007.

BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony. **Skate e skatistas: questões contemporâneas**. Londrina: UEL, 2012.

_____. Entre a marginalização e a esportivização: Elementos para uma história da juventude skatista no Brasil. **Revista de História de Esporte**, volume 1, número 2, dezembro de 2008.

_____. Prazeres sobre pranchas: o lúdico e o corpo nos Esportes Californianos. **Revista de História do Esporte,** volume 2, número 2, dezembro de 2009.

_____. Esportes de Ação: Notas para uma pesquisa acadêmica. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 32, n. 1, p. 59-73, setembro 2010.

_____. Histórias esquecidas do esporte. **Conexões**, v. 7, n. 2, p. 13-23, 2009.

COSTA, M; SILVEIRA, R; SOMMER, L. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61, Mai./Ago., 2003.

ELIAS, N; SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2000.

FIGUEIRA, M; GOELLNER, S. Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 30, n. 3, p. 95-110, mai., 2009.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (orgs.) **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.117-140.

FRANCO, L. OLIVEIRA, E. OLIVEIRA, I et al. ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA: Proposta de um Conteúdo na Educação Física Escolar no Ensino Fundamental. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.18-35, jul/dez.2011

GONZÁLEZ, F. Esportivização. In: GOZÁLEZ, F; FENSTERSEIFER, P. **Dicionário Crítico de Educação Física**. 2ª edição, Ijuí: Unijuí, 2008, p. 170-174.

GRAEFF, B; STIGGER, M. O segredo do sucesso: apontamentos sobre a trajetória social de skatistas profissionais. **Revista Movimento,** Porto Alegre, v. 15, n. 03, p. 163-186, julho/setembro de 2009.

_____. Estilo de vida e trajetórias sociais de skatistas: da "vizinhança" ao "corre". 2006. 166 f. **Dissertação (Mestrado) Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano** - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

HONORATO, T. Identidade assinada no pé. In: **1º ENCONTRO DA ALESDE** "Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas**"**, Curitiba, 2008.

_____. Uma história do skate no Brasil: do lazer à esportivização. **Anais do XVII Encontro Regional de História** – O lugar da História. ANPUH /SPUNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004.

_____. A esportivização do skate (1960-1990): relações entre o macro e o micro. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 95-112, jan./mar. 2013.

LARROSA, J. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. Educação e Realidade, 29(1), 27-43, jan-jun, 2004..
_____. O ensaio e a escrita acadêmica. **Revista Educação & Realidade**. v. 28, n. 2, p. 101-115, jul-dez, 2003.
_____. A **Novela Pedagógica e a Pedagogização da Novela.** In: LARROSA, J. Pedagogia Profana: danças, piruetas, mascaradas, Belo Horizonte: Autêntica, 2003
_____. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Jan./Abr., n. 19, p. 20-28, 2002.

LAURO, F. Skate: de vilão a mocinho. In: V CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA (CBAA) - Entre o urbano e a natureza: a inclusão na aventura. **Anais do V Congresso Brasileiro Atividades de Aventura.** São Paulo: Lexia, 2011.

MACHADO, G. "Todos juntos e misturados": sociabilidade no pedaço skatista. In: BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony. **Skate e skatistas: questões contemporâneas**. Londrina: UEL, 2012, p. 63-85.

ORTEGA, F. **Para uma política da amizade:** Arendt, Derrida, Foucault**.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

PORTELLI, A. **Ensaios de História Oral.** São Paulo: Letra e Vóz, 2010.

_____. O momento da minha vida: funções do tempo na historia oral. In: FENELON, D; MACIEL, L; ALMEIDA, P; KHOURY, Y (orgs.). **Muitas Memórias, Outras histórias**. São Paulo: Olho d'Água, maio/2004.

_____. Filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: **Tempo**. Rio de Janeiro: v. 1, n. 2, 1996, p. 59-72.

SILVA, Tomaz Tadeu. **O Adeus às Metanarrativas Educacionais**. In: O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos, 3ª edição. Petrópolis: Vozes,1994. p. 247-257.

SIMSON, O; PARK, M; FERNANDES, R. Educação não-formal: um conceito em movimento. In: SIMSON, O. et al. **Visões singulares, conversas plurais**, São Paulo: Itaú Cultural, 2007, p. 13-38.

SOARES, C. BRANDÃO, L. Voga esportiva e artimanhas do corpo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 03, p. 11-26, jul/set de 2012.

TEIXEIRA, J; FREITAS, G; CORREIA, J. O skate como tema na produção de conhecimento em periódicos na área da educação física. **Revista Didática Sistêmica**, v. especial, n. 1, 2012, p. 124.

_____. Amizades e Poderes no Skate cinematográfico: leituras do filme Vida sobre Rodas. In: **XXXI Simpósio Nacional de Educação Física**: Educação Física e ginástica: a interação necessária, Pelotas, 2012.

_____. O "Surfe de asfalto" nas ondas da produção acadêmica: uma revisão de literatura. In: VII **Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura I Congresso Internacional de Atividades de Aventura**: Tecnologias e Atividades de Aventura, Rio Claro, 2012.

UVINHA, R. As atividades de aventura no contexto urbano: cenários e potencialidades. Entre o urbano e a natureza: a inclusão na aventura. In: V CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 2011, São Paulo. **Anais do V Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura**. São Paulo: Lexia, 2011, p.159-168.

VIEIRA, L. BALBIM, G. PIMENTEL, G. et al. Estado de fluxo em praticantes de escalada e skate *downhill*. **Motriz**, Rio Claro, v.17 n.4, p.591-599, out./dez. 2011.

SITE

www.cbsk.com.br. Acesso em: 09 mar de 2013.

ENTREVISTAS

Ismael Silva, Rio Grande, 27/09/2011.
Henrique Ziemer, Rio Grande, 05/10/2012.
Rogério Póvoa “Mofado”, Rio Grande, 19/08/13.

APÊNDICE 1

Roteiro Básico de Entrevista – Ismael Silva

1) Fale o seu nome e data de nascimento.

2) Você nasceu em Rio Grande? Morou sempre aqui?
   Fale um pouco sobre sua infância: o que fazia, onde morava.

3) De que forma o skate entra na sua vida? A partir de que momento?

4) Como era andar de skate nessa época? (freqüência, lugares, o entendimento das pessoas, como era visto)

5) O que fez com que tu te mantivesse praticando skate por esse tempo? (expectativas – diversão, profissionalização...?)

6) Como você caracteriza o grupo com que você andou e/ou vem andando? (quem são, como são, de onde são).

7) Havia mulheres andando de skate? Como era a relação com elas?

8) Como você considera a prática do skate em Rio Grande hoje?

9) Que pessoas poderias indicar para falar sobre as memórias do skate em Rio Grande.

10) Tem algum episódio, evento, fato ou curiosidade que você tenha vivido e traga com grande significado? (Viagens...?)

APÊNDICE 2

Roteiro Básico de Entrevista – Henrique Ziemer

1) Fale o seu nome, data de nascimento, idade...

2) Você nasceu em Rio Grande? Morou sempre aqui?
   Fale um pouco sobre sua infância e adolescência, o que fazia, onde morava...

3) De que forma o skate entra na sua vida? A partir de que momento?

4) Como era andar de skate nessa época? (freqüência, lugares, amizades, conflitos? Preconceitos? Parque Marinha?)

5) O que te motivava a andar de skate? (expectativas – diversão, profissionalização – evolução, estilo de vida...)

6) Conte um pouco sobre as associações, equipes, patrocínios ou apoios, campeonatos, isso acontecia? Qual sua relação com eles? (viagens pra fora da cidade?)

7) Havia mulheres andando de skate? Como era a relação com elas?

8) Que pessoas poderias indicar para falar sobre as memórias do skate em Rio Grande.

10) Tem algum episódio, evento, fato ou curiosidade que você tenha vivido e traga com grande significado?

APÊNDICE 3

Roteiro Básico de Entrevista – Rogério Póvoa “Mofado”

1) Fale o seu nome, data de nascimento, idade...

2) Você nasceu em Rio Grande? Morou sempre aqui?
   Fale um pouco sobre sua infância e adolescência, o que fazia, onde morava...

3) De que forma o skate entra na sua vida? A partir de que momento?

4) Como era andar de skate nessa época? (freqüência, lugares, amizades, conflitos? Preconceitos? Os do marinha e os do centro?)

5) O que te motivava a andar de skate? (expectativas – diversão, profissionalização – evolução, estilo de vida...)

6) Conte um pouco sobre as associações, equipes, patrocínios ou apoios, campeonatos, isso acontecia? Qual sua relação com eles? (viagens pra fora da cidade?)

7) Havia mulheres andando de skate? Como era a relação com elas?

8) O que é ser skatista pra você? O que é ser skatista em Rio Grande/RS?O que é andar de skate?

9) Que pessoas poderias indicar para falar sobre as memórias do skate em Rio Grande.

10) Tem algum episódio, evento, fato ou curiosidade que você tenha vivido e traga com grande significado?

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisador responsável: Juliana Cotting Teixeira
Instituição: Universidade Federal do Rio Grande
Endereço: Rua Ilhas Canárias, 394, Parque Marinha, Rio Grande
Telefone: (053) 81273032 / (053) 84175051

Concordo em participar do estudo "Exercícios de Memórias: as práticas esportivas na cidade de Rio Grande/RS". Estou ciente de que estou sendo convidado a participar voluntariamente do mesmo.

Procedimentos: Fui informado de que o objetivo geral será "Construir parte das memórias sobre o skate na cidade do Rio Grande", cujos resultados serão mantidos em sigilo e somente serão usadas para fins de pesquisa.

Riscos e Possíveis Reações: Fui informando de que não existem riscos no estudo.

Benefícios: O benefício de participar na pesquisa relaciona-se ao fato que os resultados serão incorporados ao conhecimento científico e posteriormente a situações de ensino-aprendizagem.

Participação Voluntária: Como já me foi dito, minha participação neste estudo será voluntária e poderei interrompê-la a qualquer momento.

Despesas: Eu não terei que pagar por nenhum dos procedimentos, nem receberei compensações financeiras.

Não-Confidencialidade: Estou ciente que a minha identidade/nome será utilizada durante todas as etapas do estudo.

Consentimento: Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. Os investigadores do estudo responderam e responderão, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar do estudo. Este Formulário de Consentimento Pré-Informado será assinado por mim e arquivado na instituição responsável pela pesquisa.

Nome do participante/representante legal:_____ Identidade: _____

ASSINATURA:_____ DATA: __ / __ / ___

Declaração de Responsabilidade do Investigador: Expliquei a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. O participante compreendeu minha explicação e aceitou, sem imposições, assinar este consentimento. Tenho como compromisso utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa.

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL: _____